

Homenagem da «Revista de Educação»

*Julgido Carlos*



**Dr. Manoel Pedro Silveira,  
Secretário do Interior e Justiça**



# REVISTA DE EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DO PROFESSORADO CATARINENSE

---

## Discurso proferido pelo prof. Antonio Lúcio a 19 de abril

Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado; Dignísimas autoridades; senhores:

O fato que ora comemoramos, constitui, não somente para nós professores e alunos, motivo de intensa satisfação, mas também orgulho ao povo catarinense, por marcar na sua história o início de uma cruzada que elevou Santa Catarina a uma situação invejável e colocou a sua gente á vanguarda da estrada que conduz a todas as conquistas morais, intelectuais e materiais — a Instrução.

A um quarto de século, a instrução primária ministrada no Brasil, em geral, era ainda a oriunda de uma escola tradicionalista, na qual mais se visava a alfabetização, sem levar em conta os demais fatores pedagógicos, psicológicos e sociais.

É que vínhamos de um formação eivada de vícios, para a qual concorriam além do fator — país novo — a riqueza do sólo, a facilidade de vida e o ensino teórico, relegando o trabalho a um plano secundário. Enquanto nos velhos países o problema educacional era posto em equação, tangido pelas condições de vida próprias a cada um, vivíamos ainda na escola tradicional cuja meta principal era a conquista de um diploma acadêmico, sésamo de todas as portas.

Apenas os chamados "bem nascidos", os favorecidos pela deusa da fortuna, ou os moradores de cidades mais ou menos importantes, gosavam o privilégio de freqüentar escolas, especialmente estabelecimentos que ensaiavam os seus primeiros passos para novos rumos,

É se o cabloco, o nosso sertanejo, o cerne de nossa nacionalidade, na ignorancia ocasionada pelo abandono a que o haviam relegado, vislumbresse num lampejo iluminado por forças estranhas, o desejo de dar, embora mingudadamente, o pão espiritual aos seus descendentes, era forçado ao exodo para os chamados centros urbanos, abandonando o seu rincão, a sua gleba, contribuindo dest' arte para um urbanismo prejudicial, mórmente em um país da extensão territorial do nosso é com as possibilidades oferecidas pelo seu sólo ubérrimo.

Era assim arrancado do *canto* onde havia nascido e onde seria um cidadão útil à sociedade e à pátria e transplantado para um meio estranho que só lhe poderia ser hostil, por não obedecer a sua mudança a nenhuma condição mesológica, vindo engrossar o exercito dos desocupados.

É o dilema que se lhe deparava era este: ou exodo, ou a permanencia ns seu rincão, mas nas trevas da ignorância, desprezado, doente e cego dos mais rudimentares conhecimentos que a escola fornece, elevando, dignificando, poderosa alavanca do progresso e da civilização.

Não nos faltavam, é certo, homens de boa vontade, estudiosos dos nossos problemas, conhecedores de nossas necessidades e de nossa capacidade, patriotas animados de um são patriotismo para combaterem a chaga que nos corria: o analfabetismo.

Aqui e alhures, ensaiavam-se soluções, tentavam arremetidas, creando escolas, aparelhando-as à altura de suas finalidades e imprimindo novos rumos ao ensino, tirando-a do terreno puramente livresco, para o educacional em que se compreendia como educação o preparo da criança para uma vida em ascensão, útil à comunidade, capaz e conciente de seus direitos e deveres.

Achava-se o país nessa fase, quando assumia o governo estadual o grande catarinense Vidal Ramos.

Nascido no âmago de nosso Estado e onde se fez homem, vivendo num meio genuinamente brasileiro, sentindo mui de perto as necessidades de seus concidadãos e delas compartilhando, conhecendo as suas dificuldades e o abandono em que se debatiam, a sua alma de patriota, vibrava numa ansia incôntida de elevar sua gente ao nível da civilização, a que podiam e tinham o direito de aspirar.

E só a escola poderia operar o milagre. Nas cidades—os grupos escolares com seu moderno aparelhamento, no "hinterland", a escola isolada em que a par do livro, levava os primeiros conhecimentos de higiene e de tudo quando ia formar a base de uma nova sociedade.

Mas como realizar tamanha obra sem o factor indispensavel em empreendimentos tais—o numerario? A renda pública de então comprimia num cerco de ferro a iniciativa governamental. Mas, a honesta distribuição do êrario público, uma força de vontade indômita e a clarividência do encargo de governantes, qualidades que se casavam harmoniosamente num cararer sem jaça, operaram o milagre da consecução de uma tarefa ciclópica, rasgando a estrada da civilização e penetrando audazmente nas conquistas do espirito que haviam de conduzir Santa Catarina a um plano elevado.

Os governos se sucedem, os homens passam, mas as conquistas do espirito desafiam a ampulheta do tempo e atravessam incólumes gerações porque representam a obra imperecível da huminidade.

Medindo o pêso de sua responsabilidade e com a visão clara das necessidades de seus concidadãos e suas possibilidades econômicas, conscio da sacroranta missão que empreendia, não tergiversou o governador Vidal Ramos e avançou, calmo, mas resoluto no solução do magno problema que empreenderá.

É a questão financeira era por assim dizer milagrosamente solucionada, Restava, porém, um outro factor tão importante quanto o primeiro.

Para que a sua obra fosse corôada de êxito, era mistér o modelador de caractéres; formador de inteligências; artífice da educação, obreiro anônimo da nacionalidade, herói de vigílias sem conta, sacerdote da patria, operario, da grandeza nacional, guieiro seguro e confiante da juventude—o professor primário.

É ainda uma vez mais, o espirito sereno de Vidal Ramos e a sua experiência adquirida no trato com os homens, conduziram-no a um caminho seguro, indo buscar o auxiliar indispensável no momento—Orestes Guimarães.

Chefiando uma plêiade de valôres, com uma rara e extraordinária capacidade de trabalho e com o apóio moral e material, honesto e sincero de Vidal Ramos, Orestes Guimarães foi o braço e cérebro realizadores da obra idealizada.

Surgiram magestosos edificios enquadrados a todas as exigências pedagógicas, atestando nos seus frontespícios o rumo traçado na estrada das conquistas espirituais.

Disseminaram-se escolas, modestas embóra, a todos os recantos, levando à choupana do cabôclo, ou aos povoados que se formavam com as correntes migratórias, as luzes da instrução, dando-lhes o conhecimento desta vasta e grandiosa pátria e despertando-lhes um sincêro desejo de colaboração.

Os métodos de ensino passaram a se orientar no sentido prático e eficiente que as contingências estavam a se impôr com a evolução que vinha sofrendo, ao influxo de novas teorias, sobretudo das descobertas da ciência, da industrialização e da mecanização do homem.

A semente em feliz hora lançada à terra catarinense medrou, desenvolvendo-se rapidamente, para, ao cabo de 25 anos, apresentar-nos em uma situação lisonjeira e até mesmo excepcional.

Encontrando a estrada aberta, vencidas as primeiras dificuldades, traçado o rumo certo, os govêrnos que vieram após Vidal Ramos, para honra e felicidade de Santa Catarina, continuaram a sua trajetória, dedicando todos, um grande carinho e apegado amôr à causa da educação popular.

É por isso que os grandes movimentos sociais que abalaram o mundo neste último quartel de século, trazendo no seu bôjo multiplos e complexos problemas relacionados quasi todos com o edu-

cacional, não nos causaram um abalo tal que desmantelasse o nosso trabalho, projetando-nos no vácuo, porque a base nós tínhamos-a construída com segurança, carecendo apenas de algumas transformações e adaptações que a boa vontade e o desprendimento do professorado soube suprir com eficiência.

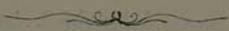
Justo é, pois, que envolvamos nesta homenagem que aqui prestamos, todos os continuadores de Vidal Ramos, e que destaques, ainda como um ato de justiça, Aristiliano Ramos, como um dos mais ardorosos propugnadores da nobre causa da instrução pública.

Conforta-nos ainda a realidade que presenciámos no atual governo seguindo a mesma rota de seus antecessores, e tem a causa da instrução como um dos principais objetivos de um homem público, sobretudo quem, como S. Excia., tem o seu passado intimamente ligado a todos os movimentos cívicos que sacudiram o nosso povo.

A educação de um povo forma-se com o culto ao passado, o respeito à verdade, o preito de justiça e gratidão a tudo o que enobrece, eleva e dignifica. É por isto que mestres e alunos aqui nos achamos reunidos para rendermos as nossas homenagens aos que souberam trabalhar pelo engrandecimento de Santa Catarina e que fizeram de seu mandato uma cartilha de civismo e do bem público.

E para que melhor homenageemos a Vidal Ramos e Orestes Guimarães, pioneiros da instrução pública, sejâmos dignos continuadores de sua obra.

Que cada mestre, na cidade ou na roça, onde quer que seja, tenha sempre presente no coração a figura de Orestes Guimarães. É cada criança, ao deixar a escola, seja um cidadão útil à Pátria, à sociedade, à família e a Deus, tendo como exemplo a seguir, a figura justa e honesta, serena e réta de Vidal Ramos.



### Não vamos com sede ao póte...

Para nos defendermos do calor, eliminamos o suor, que retrace a pele. A sede é sinal de que esta perda da água deve ser compensada. Prejudicial é, porém, a sede que vem do abuso do sal e dos molhos picantes: é um vício provocando outro vício.

---

## RECORDANDO

---

PROF. JOÃO DOS SANTOS AREÃO

Rememorando nesta data o nome de Orestes Guimarães, eu o faço cheio de saúde e respeito ao velho professor a quem foi incumbido a árdua tarefa de reorganizar a instrução neste Estado.

De saúde, porque tenho a certeza de ter sido um dos seus bons amigos; e de gratidão, pelo muito que aprendi, quando, ao seu lado, trabalhava na organização do Grupo Escolar da Laguna e o auxiliiei nos projetos a serem enviados ao Congresso com os pareceres sobre a legislação do ensino.

Os primeiros trabalhos apresentados por aquêlê abalisado mestre foram o Regulamento da Instrução e o Regimento Interno dos Grupos Escolares e, em seguida, o Regulamento e Programa das Escolas Complementares. A ordem dos artigos, a clareza dos pensamentos, o senso pedagógico que presidiram tal obra, dão bem a mostra do vasto conhecimento que possuía o mestre no campo educacional.

Esses trabalhos foram executados com a prestêza e a habilidade dos que são consciêntes do seu saber. Mesmo o seu gênio impulsivo, e sobretudo trabalhador em excesso, não lhe dava fregua enquanto tivesse um serviço a ser ullimado.

Diante do enorme dinamismo que possuía, todos os que o auxiliassem tinham de se adaptar àquela maneira de trabalhar, tantas vezes prejudicial à sua saúde.

A prática que evidenciava ao professorado que sob a sua direção trabalhava, demonstrava o seu longo tirocínio na carreira do magistério, onde cobriu quarenta anos de inteiro labôr ininterruptos. Por isso todos os que tiveram como guia êsse espírito afeito para a instrução e beberam os seus ensinamentos, não baquearam diante das lufas que tiveram de enfrentar.

O velho professor não venceria só a sua jornada porque o seu triunfo dependia da coletividade. Se, de um lado, êle teve companheiros que nunca esmoreceram em todos os setores da luta, teve de outro, a mão firme do chefe que lhe dava plenos poderes para agir nesse campo em que não podia haver mistificações.

Como verdadeiro idólatra oriental fez da reforma da instrução o seu Isis.

Nunca reclamou para si o direito que lhe assistia de um repouso temporário para refazer as suas energias que pensava inexgotáveis, nunca deixou um só instante de tratar de assuntos concernentes à instrução, saturando o seu cérebro de umas centenas de

casos que dependeriam da sua resolução abalizada. Aqueles que algumas vezes procuraram diminuir o valor da sua missão, encontraram prontamente a sua defesa, chegando mesmo a discutir fervorosamente com os seus antagonistas.

No desempenho do encargo que assumiu nunca mediu sacrifícios para atingir o seu desiderato. De uma feita, não havendo vapor em Laguna para viajar até a capital, fez êsse trajeto a cavalo, sem temer o calor violento que fazia. De outra, numa só montada, saiu de Araranguá e atingiu Capivari, devido a um telegrama que recebera. E, assim, por vezes várias, procedeu de idêntica forma, olhando acima das conveniências pessoais as conveniências do serviço. Era também comum levantar-se tarde da noite para anotar os seus pensamentos sobre a instrução.

O que muito contribuiu para produzir o que hoje temos feito pelas suas mãos, foi o seu físico cheio de vigor, aliada à sua vontade cheia de ideal. Produziu tudo quanto pôde produzir; trabalhou tanto quanto lhe foi permitido trabalhar, e o exagêro dêsse trabalho fez com que a sua saúde definhasse, vindo a falecer em Florianópolis, em dezembro de 1931. Mesmo no leito, alquebrado e doente, o seu assunto predileto era sempre a instrução.

O professor Orestes de Oliveira Guimarães fez o seu curso na Escola Normal de São Paulo. Foi professor de escola rural e diretor de vários importantes estabelecimentos naquele Estado. Na direção do primeiro Grupo Escolar do Braz é que aceitou a incumbência de reformar a instrução neste Estado, tendo antes, dirigido o Colegio Municipal de Joinville. Foi na direção dêste Colegio que o seu nome ganhou vulto, dado o mérito que possuía.

Para que Orestes vencesse a campanha que lhe tinha sido entregue era preciso que a confiança do Poder Executivo fosse inteiramente depositada em sua pessoa. Essa confiança nunca lhe faltou. Vidal Ramos, conciente da grandiosidade da obra que idealizara, e tendo as rédeas do governo nas mãos, acompanhou com todo o entusiasmo e inferêsse as manobras do seu fiel auxiliar. Foi um verdadeiro «tour de force» feito por ambos. Vidal Ramos, com um orçamento pouco maior de 2 mil contos, empregando na obra empreendida quasi a terça parte, dava uma empolgante demonstração de quanto pôde a vontade. Orestes Guimarães, manobrando com elementos vários e desconhecidos, foi de bastante habilidade, pois, dentro de pouco tempo, conquistara a confiança dos seus colegas a quem dispensava sempre a amabilidade do seu trato. Muitos de nossos colegas ainda hoje em plena atividade, eram constantemente elogiados por êle e indicados como professores exemplares.

Poderia eu, a quem tantas e tantas vezes, foi confiado o seu pensamento, sobre tais colegas, citar os seus nomes; porém o receio de haver omissão de algum me obriga a apenas lembrar o fato.

Mesmo dentre o professorado provisório Orestes encontrou elementos que se tornaram merecedores de seus elogios. Lembrome de dois no sul do Estado que, apesar dos seus poucos conhecimentos para o desempenho do cargo, conquistaram por seus empreendimentos a gratidão do chefe. Um deles, sem mapas para o ensino da geografia e sem a habilitação necessária para ensinar os hinos oficiais preencheu essas faltas chamando um desenhista, que fez na calíça da parede os mapas que o ensino reclamava e adquiriu um gramofone com os discos contendo os hinos que precisava. Dessa maneira ensinava convenientemente a geografia a os hinos entoados eram com perfeição.

O professor empreendedor e que vota verdadeiro interêsse pelo ensino está sempre fazendo jús à consideração dos seus superiores. Essas qualidades tornam-se em mérito por não serem comuns, e, por isso, dignas de elogios.

Orestes lutou e venceu porque era senhor de uma capacidade brilhante; porque foi inlemerato no seu trabalho; porque se entregou infieiramente ao serviço que executava.

Orestes venceu porque Vidal Ramos fez do seu programa da reforma o ponto capital da sua administração o que os seus sucessores seguiram com verdadeiro patriotismo; Orestes concluiu a sua jornada porque teve um professorado inteligente e decidido ao seu lado que nunca esmoreceu.

Orestes vive ainda no coração do professorado porque êle é imensamente grato e imensamente reconhecido.

E a prova mais exuberante dessa grãtidão, é a homenagem que hoje lhe prestamos quando são decorridos 25 anos do início daquele trabalho que veio provar mais vez que os povos valem pela sua cultura e educação.

Na última década de sua vida de professor, Orestes Guimarães exerceu as funções de Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas. O seu ardor cívico, o seu amôr puro pelo Brasil faziam com que êle vibrasse de indignação quando encontrava nas zonas de colonização estrangeira qualquer coisa ofensiva à nossa Pátria.

Por vários anos residiu nesta cidade onde publicou vários trabalhos seus, todos com caráter puramente nacionalistas. Pela imprensa combateu várias vezes os que procuraram diminuir a sua fé, e, em relatórios, prestou sempre, com largueza de vistas, contas de sua missão. Em 1921, no 1º congresso de educação, onde serviu como secretário, apresentou uma têsese que mereceu de todos os congressistas o mais franco acolhimento.

Orestes brilhou na sua carreira de professor. A prova disso temos a homenagem póstuma que lhe prestou o professorado de Santa Catarina, levantando um rico mausoléu no cemitério, onde re-

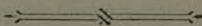
pousam os seus restos com a figura da gratidão, em bronze, simbolizando a perpetuação do seu nome na alma dos que com êle trabalharam.

Se hoje desfrutamos um lugar de destaque na Federação devemos em grande parte a Vidal Ramos como o idealizador e a Orestes o executor de tão grandiosa obra.

De minha parte invoco sempre os nomes desses abnegados homens como exemplo de sã patriotismo. São eles as duas figuras cujos retratos suspensos em quasi todos antigos grupos escolares, perpetuam as suas memórias numa bela lição de civismo aos pósteros.

Recordando-me hoje de Orestes Guimarães inclino-me reverente sobre o seu túmulo em uma fervorosa prece,

Fazendo justiça a Vidal Ramos, beijo as suas venerandas mãos.



## 25º ANIVERSÁRIO DA REORGANIZAÇÃO DO ENSINO EM SANTA CATARINA

O dia 19 de abril de 1936 despontou com todos os encantos de uma linda manhã de outono.

Como se sentiam transbordantes de júbilo os escolares de Florianópolis ao contemplar o dia tão belo que também parecia saudar a memória dos ilustres benfeitores da mocidade, Vidal Ramos e Orestes Guimarães!

De toda a parte afluíam crianças uniformizadas, pois, pelas 9 horas haveria a grande concentração dos estudantes. Quão lindos eram aqueles grupos de crianças com o respectivo uniforme branco, creme e azul, branco e vermelho ou branco e azul!

E longas fileiras partiam para o Estádio da Sôrça Pública, o ótimo local em que se realizaria a festa. Iniciada esta com uma saudação à Bandeira, seguiram-se vários números de recitativos e cantos por alunas das diversas corporações escolares presentes.

O inspetor, sr. Antônio Lucio, proferiu um belo e substancioso discurso do qual guardei os tópicos mais importantes:

Foi durante o zovêrno do honrado catarinense, coronel Vidal Ramos que, a seu convite, deixou o sr. Orestes Guimarães o Estado natal, onde era diretor de um Grupo Escolar, na capital paulista, afim de encetar a grandiosa tarefa de reformar o ensino em nosso Estado. Chegando aqui, pôs mãos à obra. A influência do seu trabalho sentiu-se por toda a parte. Surgiram então os grupos escolares. Nos sertões onde nunca havia entrado instrução alguma, fundaram-se escolas.

O que seria de nós brasileiros, se a instrução só obtivesse entrada nas grandes cidades? Muitos, favorecidos pela deusa da fortuna, haveriam de recorrer a tais cidades, mas nem todos poderiam abandonar suas moradas distantes.

Felizmente houve alguém que cuidasse de tão importante assunto.

Sim, muito devemos ao governador Vidal Ramos, que teve a ideia de escolher entre muitos, um homem de principios tão nobres, como Orestes Guimarães.

Nunca o coração do estudante catarinense esquece aquele que pela instrução, que é a fonte da vida na sociedade, trabalhou até à morte!

EMÍLIA PIAZZA

3a. anista da Escola Normal Secundária  
do C. C. de J.

---

## Trechos de um discurso

---

ADÃO MIRANDA

(Para "Revista de Educação")

Colaborador, o mais obscuro da imprensa barriga-verde, desde 1930, quando então funcionava como repórter do jornal «A Pátria», sob a direção do dr. João Bayer Filho, atual Diretor da Faculdade de Direito de Santa Catarina, não posso fugir ao dever de rabiscar algo para a «Revista de Educação», em tão boa hora surgida, mercê dos esforços do prof. Antônio Lúcio, seu diretor.

Andaria mal, esquivando-me de colaborar, embóra sem pretensões a escritor, no órgão do professorado barriga-verde. Mas, crendo-me amigo e animador dos moços que «rabiscam» nos jornais, fórmo, com os trechos do discurso que proferi por ocasião da comemoração do 25º aniversário da Refórma do Ensino Primário em Santa Catarina, a 19 de abril próximo findo, o pequeno artigo que os meus colégas de magistério vão lêr, linhas abaixo:

«A Refórma de 1911, feliz iniciativa pôsta em execução pelo Exmo. Sr. Cel. Vidal Ramos, então Governador do Estado, foi orientada pelo saudoso educacionista patricio Prof. Orestes Guimarães que, para tal, veio contratado de São Paulo, onde era uma das mais valorosas figuras do magistério,

Para bem podermos avaliar dos formidáveis beneficios trazidos ao nosso mundo educacionista pela Refórma realizada então, vamos estudar, dentro do que nos é possível, o problema da instrução primária em terras catarinenses, olhando-o com sinceridade e independencia. Isso feito, ouviremos o que nos afirma o Prof. Araujo Lima quando encára o ensino da infância no Brasil.

Instrução e Viação!—eis o programa com que o Exmo. Sr. Cel. Vidal Ramos iniciou o seu patriótico govêrno.

Santa Catarina, meus senhores, desde êsses dias luminosos, em que o seu dirigente se empenha em luta franca, destemida e resolufa contra o maior inimigo da paz, do progresso e da felicidade dos povos—o analfabetismo!—vio rasgarem se, uma vez, os seus horizontes, podendo, dess'arte, com mais ardor, confiar nos destinos de sua gente.

Os Govêrnos, ajudados por intelectuais de valôr reconhecido que se entregam abnegadamente à sagrada causa da instrução, têm pôsto à prova o maior interesse em tornar o povo culto, para ser respeitado, respeitado para ser grande!

Em nossa terra, mercê dos esforços do Prof. Luiz Sanches Bezerra da Trindade, atual Diretor do Departamento de Educação, o problema da instrução primária vem sendo estudado com desvelo, coragem, carinho, partindo pela criação de Escolas aparelhadas para a preparação de professores. Não se pôde formar cultura em um povo, si se não tem professores preparados e de cultura generalizada. Esta é consequencia absoluta daquela. A preparação de professores, é a razão de ser da cultura dos que estudam!

Estados da Federação, particularmente o nosso, não têm deixado para a posteridade a solução do magno problema de educar o povo, de torná-lo amigo das ciências. Sabem os Governos que precisamos iniciar, e já, a luta, a grande batalha para pôrmos termo ao analfabetismo em nossa Pátria.

A instrução, meus senhores, com a Refórma que se concretizou em 1911, veio a sofrer modificações radicais, resultando no completo aparelhamento com que, nos dias que correm, conta a nossa repartição que tem, pelo Governo e pelo povo, confiados os trabalhos de alfabetização.

Como dissêmos, a principio, vamos ouvir, agora, a palavra autorizada no assunto, do Prof. Araujo Lima, quando encara a questão do ensino primário para as creanças:

«O problema do ensino primário da infancia deve ser encara-do sob este duplo aspêcto—1º Amparar o desenvolvimento mental da creança, aperfeiçoando o aparelho educativo científico que é a escola moderna, para facilitar uma evolução cerebral compatível com os estudos superiores, com o fim de preparar essa elite a que aludiu brilhantemente o Prof. Afranio Peixoto.

2º—Preparar a grande massa que essa elite tem de conduzir, por meio de uma *instrução popular* ao alcance de todas as inteligencias e condições e compulsória e gratuita, mais obrigatória que o serviço militar. Este ensino popular visa todas as creanças do território nacional. Será o instrumento de aperfeiçoamento moral e material de nossa raça. Não é pelo bacharelismo, nem por meio de uma cultura pedagogicamente esmerada, porque caríssima, porque impraticável, que será possível instruir a Nação; mas, sim, pela divulgação e ensinamentos de noções rudimentares práticas, educativas e civilisadoras, acessíveis a todos os cérebros.

Ha, portanto, dadas as nossas condições regionais, a necessidade de duas escolas: a *escóla popular*—urbana ou rural—destinada a ministrar um ensino elementar, prático, básico e indispensá-

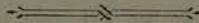
vel a todos os brasileiros em idade escolar com o fim de preparar a máquina produtiva do país; a *escóla moderna* exclusivamente urbana, aperfeiçoada nos processos pedagógicos, no aparelhamento e nas instalações, que se destina a elaborar a mentalidade pensante da Nação\*.

Dentro deste pensamento, senhores, respeitando as condições regionais, temos o ensino primário em nosso Estado, reorganizado com a Refórma que orientou Orestes Guimarães. Não necessitamos de outras forças para levarmos de vencida a realização do grande sonho dos brasileiros que é, um dia, e não está longe, o de ver a nossa Pátria sem um ANALFABETO!

Batalhador das nobres causas, defensor dos magnos problemas da instrução primária, grande pedagogo, professor erudito, verdadeiro apaixonado no cumprimento da espinhosa missão da qual foi um dos mais abnegados servidores, Orestes Guimarães conseguiu dotar o nosso ensino dos mais modernos métodos pedagógicos.

Modelador de caractéres, impulsivador do amôr à causa da instrução, o educacionista a cuja memória rendêmos um preito de saudade neste momento em que recordamos os seus serviços prestados à causa pública, deixou para a posteridade exemplos, os mais bêlos, os mais nobres, de amôr à Pátria, porque soube ser o funcionário zeloso, laborioso, competente, cumpridor das suas obrigações, trilhando sempre e sempre o caminho da honra e do dever!\*

Cruzeiro, 19/4/36.



## A CONTA JUSTA

O alimento deve ser bastante para atender às exigencias do organismo: nem de menos, nem de mais. Comer exageradamente faz mal à saúde. Comer para viver, e não—viver para comer.



## NO RECREIO DA ESCOLA

As merendas que as creanças levam para a escola devem ser cuidadosamente escolhidas. De preferencia, pão com carne, manteiga ou queijo e uma folha de alface, leite, bolo e uma fruta.

## ARCIPRESTE JOAQUIM GOMES D'OLIVEIRA E PAIVA

AGENOR NUNES PIRES

Não é fácil certamente descrever a vida gloriôsa de um vulto, que há anos desapareceu da sociedade catarinense, e do mundo, deixando em sua passagem os mais indeléveis traços que o colocam acima de todo o elogio.

A grandeza do nome que adquiriu, à força dos mais aturados trabalhos intelectuais, liga-se com glória a simplicidade do seu viver, com desprendimento completo do quanto podia elevá-lo às mais invejáveis posições políticas e sociais, provando assim à face do mundo e do meio em que vivia, que a sua missão estava muito além dessas fúteis e contraditórias preocupações de um espírito votado exclusivamente às cousas terrenas. Era a Caridade, era o esplendor das almas grandes e nóbres—que atirava em seu coração aquele fogo misterioso que, identificando-o com os melhores princípios religiosos, fazia dêste vulto que hoje apresentamos à sociedade catarinense. A Caridade é a chave das virtudes morais, como a liberdade é o único esplendor justo das ações, e acende não resplandece aquela, a última, que é o primeiro bem da inteligência, não tem duração. Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva, nasceu na capital dêste Estado a 12 de julho de 1821. Foram seus pais Manoel de Oliveira e Guiomar Inácia da Silva Pereira. Pobres, mas destinados pela Providência para deixarem seus nomes gravados nas páginas da história, entenderam dar a êste vulto a mais desvelada educação.

Feitos alguns estudos preparatórios no seu Estado natal, era de imprescindível necessidade que o jovem estudante partisse para o Rio de Janeiro, onde podia realizar a vocação que nessa época lhe era já tão pronunciada que, passando um dia pela frente da nossa Igreja Matriz, dissêra com entusiasmo juvenil: «Hei de ser vigário desta Igreja».

Mas... a coluna contrária àquela que iluminára o povo hebreu nos desertos, começava a aparecer aos olhos e ao coração dos pais do nosso herói, e certamente não teriam realizado o intento louvável, se os beneméritos capitão Vicente José Ferreira Braga, major Marcos Antônio da Silva Mafra e tenente-coronel José da Silva Mafra não tivessem acudido com a sublime generosidade que faz do seu fraco metal uma eternidade de glórias. Abençoados cidadãos, concorrestes para uma glória catarinense!

A 4 de fevereiro de 1838 embarcou Joaquim Paiva para o Rio de Janeiro, com destino ao Seminário de São José, onde se matriculou a 7 de março. Neste mesmo ano, a 11 de dezembro, foi aprovado plenamente em latim. A 12 de dezembro do ano seguinte, 1839, foi aprovado plenamente em Filosofia.

Rápido caminhava o ilustre catarinense. Os seus bemfeitores

vendo se aumentar em graças e benefícios a obra sublime que praticaram, abençoavam certamente a hora feliz que lhes déra ocasião de um ato tão acertado.

No ano seguinte, 1840, a 24 de junho, recebeu os quatro grãos de ordens menores. Neste mesmo ano, com a notícia do falecimento de um de seus bemfeitores, capitão José Ferreira Braga, compôs e publicou uma elegia, dedicada à memória daquele cidadão.

Já nessa época Joaquim Gomes de Olivsira e Paiva era escritor e poeta de alguma nomeada.

A 20 de novembro dêste mesmo ano completou o curso de teologia dogmática, sendo aprovado com louvor.

No ano seguinte, 1841, a 24 de março, subiu pela primeira vez ao púlpito e pregou o sermão do Mandato. Neste mesmo ano fez exame de Teologia moral, de Liturgia e Canto-chão, sendo aprovado com louvor.

A 12 de dezembro recebeu ordens de sub-diácono e a 19 de diácono.

A 14 de agosto do ano seguinte, 1842, recebeu ordem de Presbítero.

Já distava pouco o templo sagrado que êle apontava teatro futuro para as suas lutas, para as suas glórias.

A 18 de setembro dêste mesmo ano, como veio celebrar a primeira missa nesta igreja tão desejada, sendo pouco tempo depois nomeado capelão do Hospital do Menino Deus onde prestou relevantes serviços.

A 9 de janeiro de 1843 abriu aula de Latim e Francês na Capital.

Foi neste ano nomeado promotor da obra da Propaganda da Fé neste Estado.

A 12 de setembro de 1844 foi a concurso e alcançou a Igreja de São José, tomando posse do benefício paroquial a 1º de outubro.

Em 1845 teve assento na assembléa dêste Estado, foi nomeado cavaleiro da ordem de Cristo, a 25 de março; a 20 de outubro pregou com grande sucesso em presença de S. S. Magestades Imperiais, sendo por esta ocasião nomeado cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, nomeação seguida de uma licença de quatro meses, para goza-la onde quizesse, sem dúvida com o fim de S. S. Magestades Imperiais serem acompanhados por tão ilustre catarinense, porém sempre o mesmo homem, sempre a modéstia personificada, resigna a licença, deixa-se ficar na terra natal.

Segundo as melhores informações que tenho obtido sôbre a vida de tão grande catarinense, data desta época a sua elevação como orador sagrado.

A 24 de setembro de 1849 renunciou perante o exmo. Bispo, a Igreja de São José, despedindo-se a 21 de outubro de seus paroquianos.

Logo ao chegar a esta Capital, a 2 de fevereiro de 1850, fundou um colégio de belas letras, cujos resultados são bastante conhecidos.

Foi em 1851 que lhe foi dada a vigaria dessa Igreja que êle ainda menino suspirava por obter.

Quanto não pensaria nesta ocasião, em que realizava os seus mais ricos sonhos da juventude! Que ricas imagens, que poesia não desenrolava êle na posse dêsse cargo que ambicionava no docél azul e prazenteiro de suas esperanças, quando em uma época que lhe ficava já muito longe, tinha pensado ser um dia o pastor fiel e venerado na terra em que nascera!

Que fulgores excelsos em alma pensadora não resplandeceram naquele momento em que o novel lidador ia encetar a nóbre carreira, reveladora de uma grande coragem.

Foi realmente nesta data que ligando seus atos humanitários à profunda nomeada que tinha já como orador sagrado, poude em certo tempo cativar todos os corações catarinenses, desde o palácio do administrador até a choupana do pobre, desde o inocente que não compára nem ajuiza até o criminoso encarcerado que treme de medo nas trévas horrorosas de sua consciência.

Como vigário da Igreja desta Capital, lecionando, doutrinando, exercendo todos os mistérios do seu cargo, quem há neste Estado que não o conhecesse sacerdote esmoler, caritativo, jovial, nóbre, de elevado sentimento—coluna inabalavel da santa religião!

A fé é um bem, e este êle o possuia em toda sua luz, em toda a sua grandeza, em todo seu esplendor, e assim preparado levou a sua palavra ao delírio, produzindo no auditório um silêncio profundo, e despertando as mais vivas e fortes emoções.

Parece-nos vê-lo ainda no púlpito sagrado, sua figura imponente, palavras harmoniosas, pensamentos grandiosos construíam a corôa dêsse lidador que há muitos anos desapareceu de nossos olhos, deixando-nos um nome imperecível, porém imerso na mais cruciante saúde!

Quando pregava, o templo enchia-se: era a figura viva da eloquência que baixava à terra, que a comportava, porque tinha em seu sólo um homem ilustrado, que não abusando da superioridade intelectual sobre os seus semelhantes, era pelo contrário um servidor solícito, e guarda da pobreza desvalida.

Quantas vezes não foi êle visto socorrendo aos amigos para satisfazer os desejos caridosos de seu coração em face de um dêsse quadros horrorosos, em que o que mais periga, o que mais expôsto se vê às garras hediondas do mundo, e a inocência, a cândida flôr que alegra a família! E quando os seus sentimentos generosos eram assim realizados, corria-lhe dos olhos uma lágrima de agradecimento para aquêles que igualmente contribuíam para obra tão meritória.

Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva não foi só ouvido e apreciado pelos catarinenses, porque também o Rio de Janeiro, quando foi imprimir a sua grande obra dos «Ensaio Oratórios», e no Rio Grande do Sul, onde desempenhou categoricamente em 1857 o alto cargo de Diretor do Liceu D. Afonso.

No nosso Estado foi deputado à assembléa em mais de dez legislaturas, professor de filosofia racional e moral, de Latim, de Francês.

Obteve o diploma de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo e membro efetivo do Ginásio Brasileiro do Rio de Janeiro, sócio honorário do Liceu Paulistano, membro correspondente da sociedade Auxiliadora do Instituto Nacional e da Sociedade contra o tráfico dos Africanos, Promotor da Catequese e Civilização dos indígenas e efetivo da Associação catarinense promotora do Comércio, Agricultura e Artes.

Além dos ensaios Oratórios, publicou mais o sempre lembrado sacerdote duas peças dramáticas em 1850 e 1852, duas memórias, uma do Irmão Joaquim e outra da colônia de São Pedro de Alcantara, um discurso no Asilo de Santa Leopoldina em Porto Alegre, e várias biografias.

Na tribuna, onde se vê o sacerdote despido de todos os seus títulos, onde se descobre o homem, brilha seu gênio, fulgem as qualidades morais e intelectuais—é que Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva se apresentava em toda a sua pujança de seu nome, persuadindo, admirando como um verdadeiro apóstolo da palavra. Em 390 sermões nunca desmereceu no conceito dos seus admiradores.

Grande, preclaro, ilustre brasileiro,  
da tribuna sagrada—adorno e glória,  
do Brasil na fulgente altiva História  
reluz teu nome—esplêndido luzeiro.

De cada frase tua, oh! caminheiro  
glorioso da luz,—uma vitória  
da Igreja vinha à lúcida oratória,  
na pátria grande e nóbre do Cruzeiro!

Apóstolo do bem, bom, generoso,  
seguiste na existência a santa escola  
de socorrer o triste e o inditoso:

Nunca deixaste ao póbre, a quem desóla  
a fome, o sofrimento doloroso  
de levar o consólo, o pão,—a esmóla.

Eis o que foi Arcipreste Paiva. Portanto, o govêrno, colocando o seu laureado nome na fachada de um Grupo Escolar, não fez mais do que prestar uma homenagem à sua elevada inteligência.

# Educação física

A. LÚCIO

Inspetor escolar

(Continuação do n. 2)

Como devem ser ensinados os exercícios?

- 1—Enunciar o movimento e mostrar como se executa;
- 2—Executar, decompondo-o, si fôr possível;
- 3—Fazer executar o movimento por toda a escola, por imitação, à voz «façam como eu».

E' indispensável que desde o início, todo exercício seja procurado executar com correção para que não sejam os alunos viciados na execução errônea dos mesmos.

Lógico é que a perfeita execução não será obtida com certos alunos, aos quais os professores não deverão fazer repetir o exercício para não aborrecer e sim procurar incluir o exercício na seguinte sessão de estudos.

Para melhor compreensão das sessões de estudos de uma lição, vamos citar um exemplo de caráter geral: não citaremos de exercícios, mas os títulos componentes da lição (página 4), convindo lembrar que apresentamos apenas um exemplo, não podendo ser tomado como modelo, pois o grupamento dos exercícios dentro de cada *sessão de estudos* depende dos exercícios da lição, sua intensidade, seu ritmo e sua maior ou menor facilidade de execução. Entretanto é intenção nossa que o exemplo sirva para explicação mais clara do que seja uma *sessão de estudo*.

Exemplo: LIÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA N....

Sessão preparatória	Lição propriamente dita	Volta à calma
1—Evoluções	8—Marchar	15—Exercício respiratório
2—Flex. de braços	9—Tregar	
3—Flex. de pernas	10—Suspender-transportar	16—Canto ou assobio
4—Flex. de tronco	12—Correr	
5—Flex. combinada	13—Lançar	17—Exercício de ordem
6—Flex. assimétrica	14—Ataque-defesa	
7—Flex. caixa toraxica		

2 pequenos jogos.

## Sessão de estudos

(da lição acima)

1a. sessão

nos. 1, 2 e 4	nos. 8, 11, 12 e 14 pequeno jogo n. 1	nos. 15, 16 e 17
---------------	------------------------------------------	------------------

2a. sessão

nos. 1, 3, 5 e 6	nos. 9, 10, 13 e 14 pequeno jogo n. 2	Idem
------------------	------------------------------------------	------

3a. sessão

nos. 1, 2, 5 e 7	nos. 8, 9, 12 e 13 pequeno jogo n. ....	Idem
------------------	--------------------------------------------	------

Após essas sessões de estudos, a LIÇÃO vai ser executada por inteiro; é o que chamamos uma lição de educação física COMPLETA. Não esquecer que tanto a sessão de estudos como a lição de educação física devem ser, como já vimos (página 7) contínua, alternada, graduada, atraente e disciplinada.

## Duração da lição

O tempo de duração da LIÇÃO varia para cada ciclo. Para o ciclo elementar (4 a 13 anos) pôde ser de 20 a 30 minutos. Dentro da lição o tempo é dividido aproximadamente da seguinte forma:

Sessão preparatória	2/10	do tempo
Lição propriamente dita	7/10	» »
Volta à calma	1/10	» »

## Local de execução das lições

Em princípio as lições devem ser executadas ao ar livre; entretanto em caso de mau tempo—nos galpões e pátios cobertos.

## Sessão de jogos

E' a terceira parte do título EXECUÇÃO DO TRABALHO (pag. 4) e que deverá ser feita uma vez por semana para as crianças do ciclo elementar, 3º e 4º grãos (pag. 3), isto é, de 9 a 13 anos.

Essas sessões de jogos devem ser constantemente variadas, razão por que damos adiante um certo número de jogos, que aos poucos irão sendo ensinados às crianças.

Sua execução, como da lição de educação física, será sob direção imediata dos instrutores (professor ou professora), que irão com brandura obrigando todos os alunos a jogar, estimulando os fracos, contendo os violentos, impedindo qualquer brutalidade e evitando acidentes.

Os jogos que daremos têm também algumas relações com as famílias da LIÇÃO, devendo portanto ser escolhidos inteligentemente, procurando conciliar as preferências dos alunos com as necessidades de seus físicos.

Como informação citamos os seguintes *pequenos jogos*:

*Trepar:*

- |                       |                          |
|-----------------------|--------------------------|
| N. 391—Morto e vivo   | N. 393—O gato no poleiro |
| N. 395—O tripé humano | N. 397—O poste humano    |

*Saltar:*

- |                             |                                 |
|-----------------------------|---------------------------------|
| N. 400—O passo do gigante   | N. 401—Perseguição aos pernetas |
| N. 402—Corrida de centopeia | Ns. 405 e 406—Carniça           |

*Levantar e transportar:*

- |                                  |                               |
|----------------------------------|-------------------------------|
| N. 412—Apanhar a borboleta       | N. 414—A cabra cega           |
| N. 415—O lobo e os carneiros     | N. 416—O gato e o rato        |
| N. 417—A estatua                 | N. 418—O chicote queimado     |
| N. 421—O corredor e o caçador    |                               |
| N. 424—Corrida de estafetas      | N. 425—Cara ou corôa          |
| N. 429—Os policiais e os ladrões |                               |
| N. 430—O lobo e o cordeiro       | N. 434—Corrida de duas pernas |
| N. 436—A chamada para a bola     |                               |

*Ataque e defesa:*

- |                                      |                       |
|--------------------------------------|-----------------------|
| N. 444—Os prisioneiros               | N. 445—Não passarás   |
| N. 448—O maneta é senhor em sua casa | N. 449—Briga de galos |

*Grandes jogos:*

- |                  |                   |
|------------------|-------------------|
| N. 451—As barras | N. 452—A bandeira |
|------------------|-------------------|

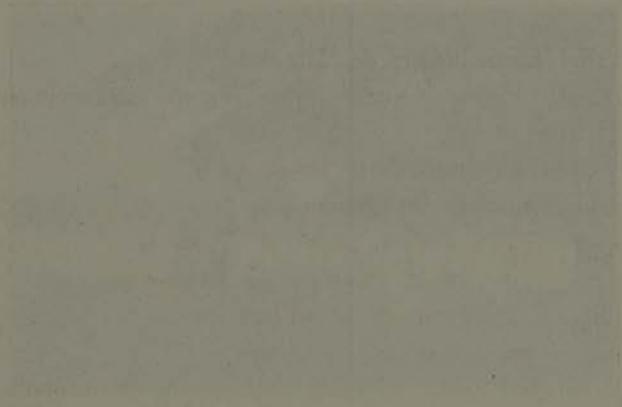
As sessões de jogos também exigem uma sessão preparatória resumida em que poderão entrar uma evolução (rodas), um flexionamento de braços, de pernas, de tronco e um de caixa torácica.

A volta à calma será um pouco mais demorada si o jogo fôr mais forte.

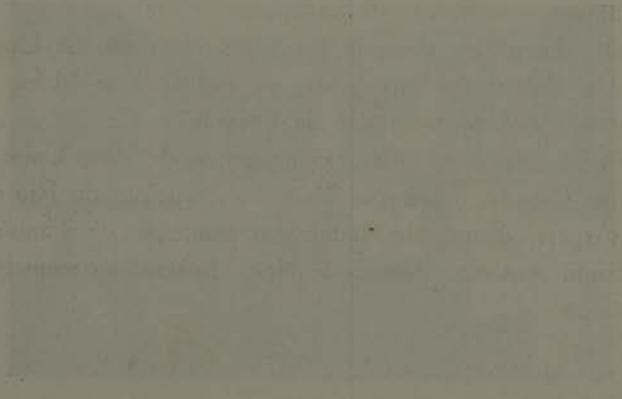


Escola isolada de Rio Negrinho — Itaiópolis

# Actividades escolares



Una escuela es un lugar donde se aprende y se enseña. Es un espacio donde se forman ciudadanos conscientes y responsables.



El aprendizaje es un proceso continuo que requiere de la participación activa de todos los miembros de la comunidad educativa.

## Formações, exercícios de ordem—Evolução e rodas

### —Formações e exercícios de ordem

- a) em linha (um aluno ao lado do outro)
- b) em coluna por um (um atrás do outro)
- c) em círculo
- d) em coluna por dois, tres, quatro, etc. (dois a dois, tres a tres, etc.)

*Passar de formação em linha a formação em coluna por um e vice-versa:* basta apenas fazer uma mudança de frente à vóz—«frente para a direita» ou «frente para a esquerda», ou ainda—«frente para mim».

*Passar de coluna por um a coluna por dois*—inicialmente devemos fazer as crianças numerar a começar da frente, até o último aluno; em seguida à vóz—«POR DOIS—MARCHE»—os números pares vão se colocar à esquerda e à altura dos alunos de números impares, que se achavam na sua frente.

*Passar da coluna por dois à coluna por quatro*—à vóz... «POR QUATRO—MARCHE»—as fileiras pares vão se colocar à esquerda e à mesma altura das fileiras de número impar.

Para voltar à coluna por dois ou à por um, proceder de modo inverso.

Para passar da coluna por um à coluna por quatro, convém passar pela formação—coluna por dois.

*Para mudar de direção em marcha*—O professor dirá—«DIREÇÃO A' DIREITA ou ESQUERDA—MARCHE».

## Maneiras de tomar e modificar as distâncias entre os alunos

E' util variar o modo de tomar as distancias entre os alunos para evitar a monotonia de uma lição de educação física.

Vamos citar apenas as três das muitas maneiras de tomar distancia: são as mais faceis e mais interessantes.

*1a. maneira*—«GRANDE INTERVALO—PARA A ESQUERDA—MARCHE»—Deslocar-se, por passos rápidos para a esquerda; elevar os braços horizontalmente, palmas das mãos para baixo, dedos tocando os do visinho. A' vóz FIRME, voltar os braços à posição primitiva.

*2a. maneira*—Os alunos formados em linha (uma fileira) são numerados de um a quatro, em seguida o instrutor dirá:—«PARA A

FRENTE TOMAR DISTÂNCIA—MARCHE» — O número um dá um passo em frente; o n. 2 dá dois passos; o n. três dá tres passos, e o n. quatro dá quatro passos.

3a. *maneira*—Os alunos formados em círculo, uns atrás dos outros e numerados. O professor dará as seguintes vózes: «FRENTE PARA O INTERIOR—NUMEROS PARES UM PASSO EM FRENTE; NUMEROS IMPARES UM PASSO A' RETAGUARDA—MARCHE». O instrutor ficará no centro.

Os *exercícios de ordem* que devem entrar na 3a. parte da Lição, volta à calma, serão: passagem de uma formação a outra (pag. 12), mudança de frente (frente para a direita, frente para a esquerda, frente para a retaguarda—pag. 9), um passo em frente, um passo à retaguarda, esquerda, direita, etc.

A meia volta volver ou frente para a retaguarda, deverá ser feita sempre pela esquerda.

Os demais elementos—passo em frente, à retaguarda e à esquerda, à vóz MARCHE—levar o pé esquerdo à frente retaguarda ou esquerda e unir o calcanhar do pé direito ao do esquerdo. Para o passo à direita, levar o pé direito e unir o calcanhar do esquerdo ao do direito.

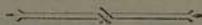
II—*Evoluções e rodas*—Na descrição da LIÇÃO (pag. 4), sessão preparatória, constam inicialmente as evoluções, que poderão ser substituídas pelas RODAS.

Tanto as evoluções como as rodas são inúmeras: aquelas serão determinadas nas lições; estas serão da escolha do instrutor de acôrdo com as tradições locais e com a preferência dos alunos.

Tanto quanto possível essa escolha deverá recair sôbre motivos bem brasileiros.

Citaremos as seguintes RODAS:

Na Baía tem, tem, tem,  
A canôa virou  
Carneirinho, carneirão...  
Ciranda, cirandinha...  
Passa passa gavião...  
etc.



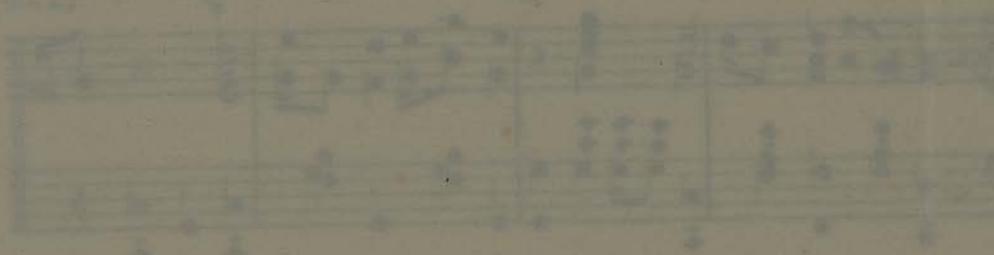
## O PECADO DA CARNE

A carne não deve ser totalmente despresada na alimentação: ela fornece as albuminas necessárias à construção dos tecidos. Não devemos, entretanto, usa-la em grande quantidade, como habitualmente fazemos, pelo inconveniente, entre outros, da formação de um excêso de ácidos, prejudicial ao organismo.

- Espedida -

Alto Secular

Choro



# - Despedida -

## Hino Escolar

Letra e Musica do Prof. Dailon Fernandes

Canto

Introdução

Choro

1.ª vez

2.ª vez

# DESPEDIDA

## HINO ESCOLAR

(Melodia e Letra do Prof. Odilon Fernandes)

Sólo (Pelas diplomadas)

*Da montanha da Vida a escalada  
Já sózinhas iremos tentar  
E no mérito próprio escudada  
Cada qual o triunfo buscar.*

Côro (pelas demais)

*Será o céu menos claro,  
Sem guia que vos assista;  
Dos mestres sem amparo,  
Sem das colegas a vista* } BIS

Sólo

*Duplo esforço se torna preciso  
A quem, só, por urzais atravessa,  
Sem que um braço, um olhar, um sorriso,  
O conforto, si acaso tropeça.*

Côro

*Não só da Escola distante,  
Mas até mesmo do Lar,  
Sózinhas, de hoje em diante,  
Ireis sofrer e lutar.* } BIS

Sólo

*De saudade, de amôr, de coragem,  
Sejam nossas palavras finais  
E na mente conosco viagem  
Nossos méstres, colegas e pais ..*

Côro

*Saudade da vida antiga;  
Amôr a quem vos quer  
Coragem que bem condiga  
Com a missão que se tem.* } BIS

# DESPEDIDA

## HINO ESCOLAR

Alma mater - Livro de Hino - Livro de Hino

1912 - 1913

Os estudantes do Brasil e do mundo  
Se uniram para cantar  
E se uniram para cantar  
Com o Brasil e com o mundo

1914 - 1915

1914 - 1915  
1914 - 1915  
1914 - 1915  
1914 - 1915

1916

Os estudantes do Brasil e do mundo  
Se uniram para cantar  
E se uniram para cantar  
Com o Brasil e com o mundo

1917

1917 - 1918  
1917 - 1918  
1917 - 1918  
1917 - 1918

1918

Os estudantes do Brasil e do mundo  
Se uniram para cantar  
E se uniram para cantar  
Com o Brasil e com o mundo

1919

1919 - 1920  
1919 - 1920  
1919 - 1920  
1919 - 1920

## A população do Brasil e do Estado de Santa Catarina

Virgílio Gualberto

Segundo notícias históricas conhecidas e recenseamentos gerais, a população do Brasil e do Estado de Santa Catarina, teria sido a seguinte :

ANOS	BRASIL	SANTA CATARINA
1712	—	500
1749	—	4.197
1774	1.800.000	9.058
1787	—	16.177
1800	3.200.000	21.068
1813	4.000.000	32.949
1824	4.200.000	45.410
1836	5.400.000	63.624
1847	7.500.000	81.500
1857	8.500.000	122.833
1872	10.112.061	159.802
1890	14.333.915	283.769
1900	17.318.556	321.294
1910	23.414.177	320.289
1920	30.635.605	668.743
1930	41.477.824	984.572
1935	47.794.874	1.179.886

---

### LUBRIFICANTE ADEQUADO

A manteiga é, de todas as gorduras, a de mais facil digestão e a mais rica em vitaminas. No preparo dos alimentos, quando não a pudermos empregar, devemos preferir, e pela mesma razão, o toucinho fresco à banha.

# Cuidado com a bôca

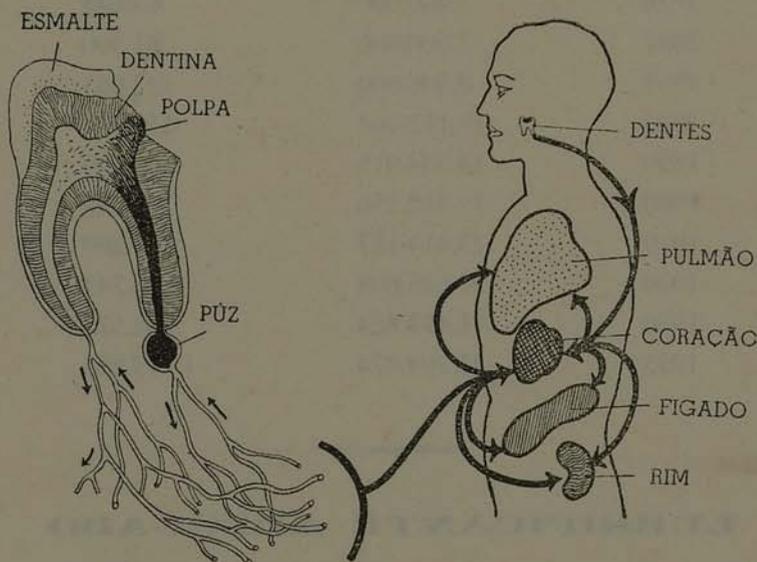
PROF. ARI MACHADO

Cirurgião-dentista

Está mais do que provado e nô-lo afirmam as grandes sumidades médicas do mundo, que o equilíbrio geral do organismo está em relação dirêta com o equilíbrio biológico do meio bucal. Daí a relação íntima dos dentes com a saúde em geral, pois é sabido hoje que a mór parte das molestias orgânicas são produzidas pelo máu estado do aparelho dentário.

A bôca é o paraíso dos micróbios, aí se encontram os da tuberculose—pneumonia, difeteria, etc.

Dou abaixo um cliché demonstrativo da infiltração do sangue e algumas opiniões de cientistas abalisados que provam o reflexo íntimo existente entre os dentes e os principais órgãos do corpo.



INFILTRAÇÃO NO SANGUE

(ESTE CLICHÉ FOI FORNECIDO PELOS SRS DAUDT, OLIVEIRA & CIA, FORNECEDORES DA AFAMADA PASTA DENTIFRÍCIA "ODOL")

—Galipe e Teler, em um trabalho apresentado num congresso em Lyon, afirmaram e provaram que o pús deglutido p. r pessoas atacadas de piorréa provoca disturbios gástricos.

—Lebedinsky cita o caso de cura em clientes neurastenicos e dispéticos, com o tratamento da bôca desses clientes.

—No Hospital Rowson, de Buenos Aires, os drs. Mariano e M. Castelino, tiveram ocasião de observar casos de insuficiência hepática, coincidindo com fôcos de infecção bucal.

—Prica descreve um caso de prisão de ventre rebelde e que depois do tratamento dos dentes a perturbação intestinal desapareceu.

—Lesbre e Granclaude constatarem diversos casos de lesões no coração, cuja ação predominante vinham dos dentes infectados.

—O conhecido mestre Patrone narra um fato muito interessante: «Um menino apresentava artrite em ambos os joêlhos, moléstia que não cedeu aos maiores tratamentos médicos. O dr. Patrone observou pela chapa radiográfica 2 premólares superiores que apresentavam cistos radiculares. Com o tratamento desses dentes o cliente ficou radicalmente curado.

E as im uma infinidade de curas, sómente com o tratamento da bôca: casos de anemía profunda, dispepsia nervosa, perturbações várias, gástricas, artrite, etc.

Combatamos a *carie dentária* — Instalemos o mais urgentemente possivel a *Assistência Dentária Escolar*.

## EXPOSIÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL EM S. PAULO

Comissionados pelo Governo do Estado, estiveram em visita à Exposição do Ensino Profissional em S. Paulo, os professores Antonio Lúcio, nosso diretor, e CóraBatalha Silveira, diretora da Escola Profissional Feminina.

A exposição veio revelar o gráu de adiantamento em que se acha o ensino profissional nesse Estado, abrangendo todas as atividades profissionais.

## “REVISTA DE EDUCAÇÃO”

*Para que não haja interrupção na remessa da «Revista», pedimos aos que ainda não efetuaram o pagamento de suas assinaturas, o obsequio de enviarem pelo correio a respectiva importancia.*

## Bibliotecas escolares

Plano de vendas a prestações :

Compras no valor de 100\$	20% á vista e	4 prestações de 20\$
» » » » 150\$	» » » »	5 » » 24\$
» » » » 200\$	» » » »	5 » » 32\$
» » » » 250\$	» » » »	5 » » 40\$
» » » » 300\$	» » » »	6 » » 40\$
» » » » 350\$	» » » »	7 » » 40\$
» » » » 400\$	» » » »	8 » » 40\$
» » » » 450\$	» » » »	9 » » 40\$
» » » » 500\$	» » » »	10 » » 40\$

Fichas de modelo «Stand» a preços do custo tipografico, conforme tabela abaixo :

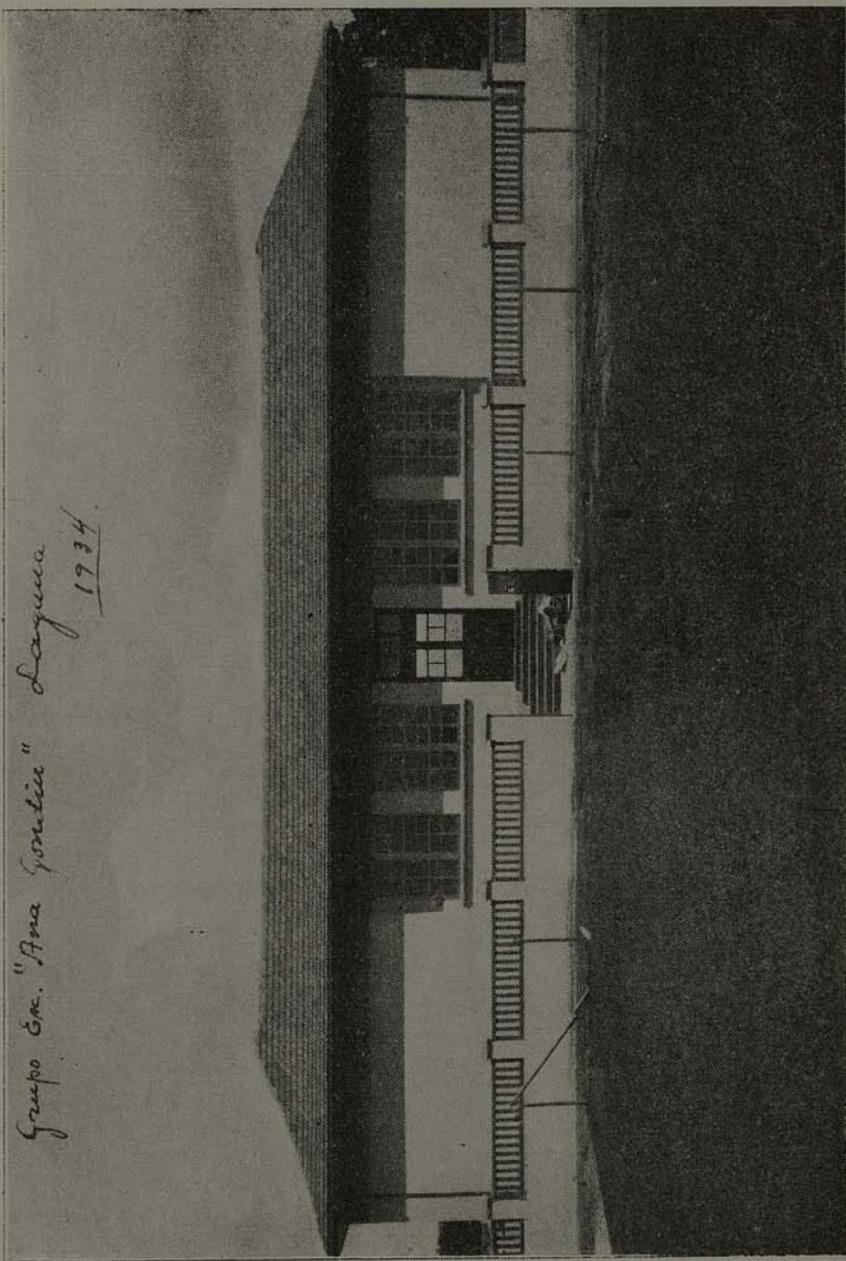
Modelo n. 1	cento	1\$500
» » 2	»	3\$600
» » 3	»	3\$000
» » 4	»	3\$000
» » 5	»	3\$000

Fornecemos catalogos e instruções para  
sua organização

**Companhia Editora Nacional**

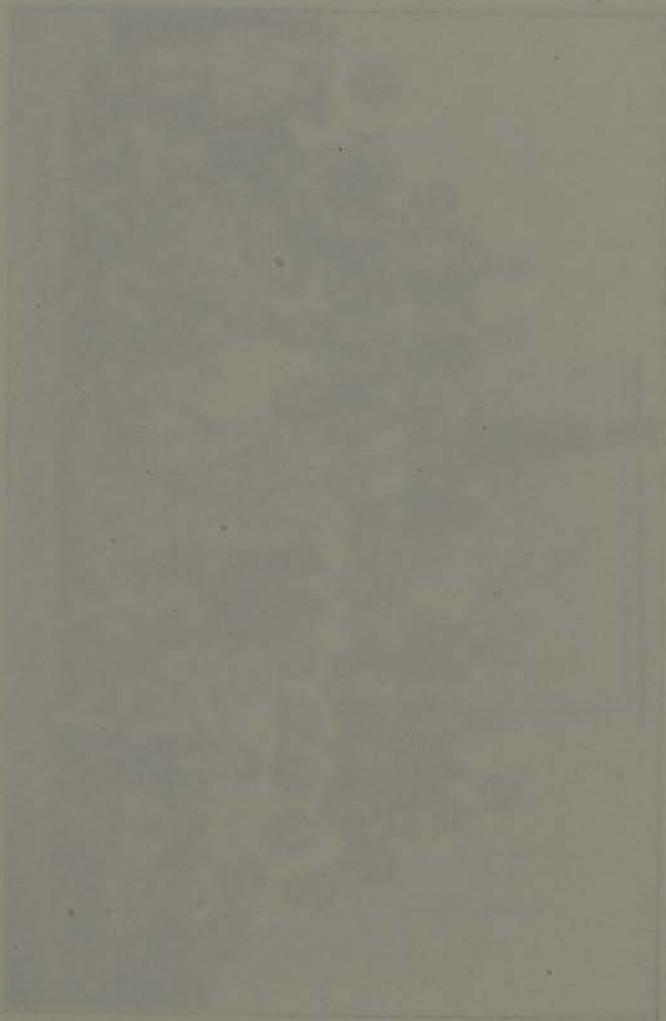
Rua dos Gusmões, 118

**SÃO PAULO**



Grupo Esc. "Ana Gondi" Laguna  
1934.

GRUPO ESCOLAR "ANA GONDIN", DE LAGUNA



# A INFLUENCIA DA RELIGIÃO NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA

( DA «REVISTA DO ENSINO» — BELO HORIZONTE )

Na actual série de conferências organizada pela Sociedade Pestalozzi é certamente o assunto desta que tem maior relevância: a Educação religiosa.

Não atribuímos à palavra religião o sentido apenas de uma atitude sui-generis da esfera emocional, nem tão pouco o conceito de uma cadeia de ritos sem substrato interior, a que se prendam os sentidos.

«Religião», por sua propria etimologia, significa «ligar», e por tanto supõem dois termos que se põem em contacto.

São êles Deus e o Homem.

Do «Homem», sabemos que não tem o principio em si; que é um sêr contingente e como tal não pôde encontrar em si a finalidade última de sua existencia.

Essa «razão de viver» actual ou teleologica encontra-se naquelle termo que é a causa de todas as coisas creadas: «Deus», único sêr necessário, pessoal, distinto da natureza.

Basta um pouco de boa vontade de desapaixonada reflexão, para encontrarmos todos os argumentos que abonam estas verdades.

Não me deterei em enumera-los.

A mêsse bibliográfica é farta no assunto e seria fazer injúria pensar que a desconhecem.

Não é meu objetivo, embrenhar-me na polémica destes assuntos vitais. Falha-me cultura, bem sabeis.

Pretendo apenas pôr em evidência os seguintes valores, intimamente ligados a esta concepção:

1.<sup>o</sup>.—O naturalismo—é incapaz, insufficiente, pobre para a formação religiosa.

2.<sup>o</sup>.—O conceito da religião, tal como o expômos, tem dado resultado através de 20 séculos.

3.<sup>o</sup>.—Dificuldades do momento presente para a formação religiosa.

\* \* \*

Coerentes com o que ficou dito, havemos de considerar dois aspêctos em nosso estudo: 1.<sup>o</sup> natural—em que se enquadra toda a vida vegetativa, sensitiva e intelectual.—Plano este atraente, rico, sedutor em que se desdobram todas as possibilidades da pesquisa científica, e toda a fascinação para o raciocínio ávido de investigar, coordenar, descobrir.

—Mas este plano não é o único de vitalidade. Pela Revelação divina exaustivamente repelida na Escritura Sagrada, repizada, lembrada em todos os tempos pela Igreja Católica, somos chamados a um teôr de vida mais alto.

Esse novo princípio vital é a graça de Deus que se enxérta na natureza humana, dando-nos possibilidade que ultrapassam a razão.

Na formação religiosa temos que atender a essa conjugação de força: a natureza e a graça, pois o «fim proprio e imediato da educação cristã é «cooperar» com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão». (Palavras de Pio XI em sua enciclica «Divini illius magistri» de dezembro de 1929).

Sentís que a idéa naturalista, menosprezando o subsídio sobre-natural mutila a vida de seu valor mais forte que é Deus.

\* \* \*

Mas, dizem muitos, como viver esta vida divina? Como orientar minha inteligência, minha vontade, enfim, todas as minhas atividades por um padrão que desconheço?

Seria poderôsa, insuperável mesmo, esta objeção, se num cantinho da longinqua Judéa a divindade não se livesse pôsto ao alcance da possibilidade humana. Este Ideal que é a Perfeição infinita se fez semelhante a nós, de corpo e alma, afim de nos tornar semelhantes a Êle.

Dai-vos ao trabalho de estudar à luz da crítica histórica, dos princípios de hermenêutica esse modelo que se encarnou numa vida igual à nossa, sujeito às mesmas necessidades materiais, cheia de ocupações singêlas até mesmo vulgares, em luta de contradições, debatendo-se em sofrimentos como os que nos angustiam e lereis a chave do problema.

Merecem tanta consideração as biografias dos grandes homens! Será possível que só a de Jesus fique relegada à poeira das estantes? Não merecerão, ao menos, um olhar as suas atitudes, as suas palavras diante dos problemas que são nossos como a Luta, a Justiça e a Dôr?

Em todos os tempos da história encontramos individuos que nessa contemplação acharam o melhor estímulo de viver e que se identificaram pouco a pouco com o divino modelo.

Incapazes de reproduzir toda a perfeição da fisionomia divina, cada um se esforçou em reproduzir, ao menos, alguns traços e eilos que irradiam todos a semelhança mais ou menos exata que conseguiram copiar do modelo eficaz. Santos e santas de todas as idades e condições, modéstas e grandiosas figuras da humanidade incessantemente pôstas diante de nossos olhos vêm encorajar nossa aqu (za na ânsia de perfeição).

—Uma nota impressionante colhida num inquérito do Lab. de Psicologia da E. A. é justamente a «mingua» de modelos a que aspiram nossas crianças. Acresce ainda, que os modelos mais frequentemente mencionados não são os que sintetizam um ideal superior.

Os dados a que me refiro são os seguintes e me foram fornecidos pela coléga Maria Angelica de Castro, incansável e competente assistente de mme. Antipoff.

Com que pessoa você quer se parecer?

Crianças de 4º ano.

Idade: 11 a 13 anos.

	199 (760)—1934 (1.398)				
	M.	F.	—	M.	F.
Personagens ilustres	11 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	5 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>		5 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	0,6 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>
Pessoas da família	49 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	12 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>		37 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	38 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>
Consigo mesmo	7 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	2 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>		21 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	76 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>
Motivação egocêntrica	8 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	13 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>		13 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	12 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>
Motivação altruística	33 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	44 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>		23 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	37 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>

Notam por este quadro que o desejo de parecer com personalidades ilustres baixou, nos meninos, de 11<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 5<sup>o</sup>/<sub>o</sub> e nas meninas de 5<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 0,6<sup>o</sup>/<sub>o</sub>; baixou o desejo de parecer com pessoas da família entre os meninos de 49<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 37<sup>o</sup>/<sub>o</sub> e entre as meninas 42<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 38<sup>o</sup>/<sub>o</sub>. E teria sido esta baixa em favor de um padrão superior? Lamentavelmente, não! A porcentagem dos que se satisfazem consigo mesmo aumentou numa proporção impressionante: entre os meninos de 7<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 21<sup>o</sup>/<sub>o</sub> e entre as meninas de 2<sup>o</sup>/<sub>o</sub> para 16<sup>o</sup>/<sub>o</sub>! É isto na idade de 11 a 13 anos, quando os psicológicos já assinalam o aparecimento de interesses éticos e sociais!

A motivação *egocêntrica* confirma a observação, pois que cresceu em detrimento da motivação altruística, como se nota pelo quadro.

Como percebem, o sintoma é grave! Ai de nossas crianças si não as arrancarmos desta etapa tão primitiva do desenvolvimento psicológico!

A culpa deste afraço é nossa, nossa, tres vezes nossa!

Não culpêmos a Escola, não culpêmos a sociedade desta avitaminose de Ideais! Antes da Escola, compete-nos a nós pais e mães o soergimento destas aspirações.

Por outro lado, resultados de pesquisas também do Laboratório de Psicologia, publicados na «Revista do Ensino» de 1932 e outros ainda inéditos de 1933, 1934 e 1935, revelam que o interesse pelas cousas religiosas ocupa o 1º lugar, tanto nas cogitações dos meninos, como nas das meninas.

Isto nos induz a considerar a religião não como um méro processo orfopedico de desvios morais, mas como um elemento que corresponde a uma tendencia normal da mentalidade.—A religiosidade não é um leito de Procusto, é uma potencia de vida inherente à natureza humana.

Como tal merece ser investigada, aproveitada, alimentada e retamente dirigida.

Mas, quais as dificuldades que para isso se nos antolham no momento presente?

Estudemos algumas para solucioná-las e, coêsos, unidos, realizarmos a tarefa de educar bem nossa geração.

Parece-me que a primeira é a ignorancia religiosa.

Ninguem se atreve a emitir opiniões sôbre ciência, artes, literatura ou mesmo moda, sem conhecimento de causa.

Em se tratando de religião todos «são formados, todos discutem e pontificam... sem ter passado às vezes da 1ª parte, do 1º catecismo que foi aprendido (Deus sabe como!) no 1º ano primário!

Resultado: essa monstruosidade com que se topa a todo momento: homens e senhoras erúditos e respeitáveis que em materia de religião dizem inacreditáveis dispautérios.

O padre Leonel Franca, com a sua invejável erudição, conta-nos no seu livro já bastante divulgado «Psicologia da Fé», varios casos desse mesmo mal até em professores de universidades: como Draper, professor de fisiologia da Universidade de Nova York, Soderblom, crítico conceituadissimo e outros...

Sirvo-me ainda das palavras de Hellinger, citadas pelo padre Franca, cuja autoridade todos reconhecem, para reforçar minha asserção: «Cultivam-se todas as regiões da alma, excêto a mais profunda, a mais íntima, a mais essencial, que permanece inculta, esteril e desolada como um terreno baldio», e continúa o padre Franca— «com o volver dos anos e o amadurecer da razão, com a aquisição de novos conhecimentos profanos, as questões religiosas apresentam-se sob outros aspêctos; multiplicam-se as objeções; acentua-se o maior desejo de profundidade e compreensão. Afim de corrigir certos desequilíbrios funestos é mistér que a instrução religiosa, ascendente e progressiva, vá respondendo a todas as novas exigencias da alma que se desenvolve. E' a ordem da Providencia a que nos não podemos subtrair sem incorrer em riscos graves».

Dessa ignorancia religiosa decorre a difusão de conceitos erroneos sôbre a piedade; de normas de conduta perniciosas com o rótulo de cristãs!

Parece-me que o medo de adaptar a conduta à verdade religiosa é um dos moveis mais frequentes dessa lastimavel ignorancia.

Não basta, entretanto saber religião para bem educar religiosamente os filhos. E' preciso conhecer-lhes os temperamentos... e

a vida moderna, arrastando pais e mães para fóra do lar, priva-os de oportunidades de conhecerem os filhos, de os estudarem num convívio sereno.

Quantas mágoas, quantas tragédias temos observado por causa desse desentendimento entre pais e filhos!

Não será a causa remota desses choques a falta de preparo para o matrimônio?

Para todas as missões na Vida, se exige um preparo adequado: para a do médico, 6 anos, do engenheiro, do advogado, da professora, prazos mais ou menos correspondentes.

Para a missão mais nobre, mais inerente às tendências humanas, porque ao casamento todos podem legitimamente tender, não se preparam nem o jovem nem a jovem... Começam uma vida nova sem compreensão das suas responsabilidades, sem visão, inaptos ao cultivo dos tesouros que lhes vão ser confiados...

Suposto que os pais saibam religião, e conheçam o temperamento do filho, devem ainda evitar uma atitude muito perigosa para a formação da consciência infantil—e esta é a descontinuidade de ação.

Num dia de bom humor, ha pais que suportam dos filhos as maiores extravagancias e diabruras, num dia de «spleen» as menores faltas são punidas com arrebatamento.

Esses altos e baixos desorientam as creanças, Deante de atitudes equivalentes, é preciso que os pais mantenham sempre as mesmas reações. Esta serenidade metodiza o ambiente do lar.

A este ambiente do lar é também imprescindível imprimir um cunho cristão não só pela nota característica da oração em comum, mas também por algo de mais difícil... Na preocupação, até certo ponto louvável, de tornar suave a vida dos filhos, vamos deixando que êles se habituem a um comodismo perigoso, que os induz a exigencias constantes. Numa atmosfera tal—se esquece o «self-control» mirrando o espirito de sacrificio, único eficiente para que se afirme o *eu* superior.

Felizmente, nas familias numerosas não correm os filhos tanto esse perigo de endeusamento porque a solicitude dos pais tem que ser naturalmente distribuida—e o convívio com os irmãos lhes desbasta o egocentrismo.

Não comentarei as dificuldades que na sociedade tanto prejudicam a educação. Visei apenas estudar o problema «dentro de casa»—mas de passagem, devo lembrar que urge moralizar nosso cinema—aproveitar esse valor como elemento construtivo e não senti-lo deletério, como vai sendo.

Vêm os senhores que as dificuldades não são intransponiveis. Basta estudar um pouco, inlegrar a nossa vida no conhecimento da verdade—e disso decorrerá naturalmente o fator mais poderoso

para a bôa formação cristã de nossos filhos: isto é o nosso exemplo de cada dia, de cada hora! Agindo cristãmente, não só nos momentos da préce, mas com esse mesmo cunho em face dos acontecimentos, em face dos que nos rodeiam.

Não nos escravizemos à visão naturalista, deixemos que pela oração a nossa vida se robusteça na graça sobrenatural.

Senlem os senhores como a religião é fecunda em valores educativos pela direção que imprime à formação adequada à finalidade suprema do homem; pela exuberancia de exemplos dos que «viveram» esta vida cristã; pelo subsídio sobrenatural da graça que Jesus nos conquistou.

Terminando, não me posso furtar ao prazer de fazer minha uma página de Carlos Wagner, do seu livro «Auprès du foyer», citada por P. Bovet—autores estes que não podem ser suspeitos de sectarismo católico a quem quer que seja.

«Entre as santas e velhas cousas balbuciadas a respeito de Deus pela fraqueza humana, muitas foram ouvidas primeiro debaixo do humilde tétó familiar. O mais doce nome que o homem dá a Deus, foi colhido sôbre os lábios das creanças.

Abba! é um dos primeiros gritos de todas as línguas. Cristo o colheu nos berços para fazer dele, a Deus, uma homenagem de ternura e confiança e ao homem uma fonte de consôlo, de confortante claridade nas trévas da vida.

Aquele que está bem solidamente preso ao laço de família, está em correspondencia com o fundo oculto das cousas através dos intermediários estabelecidos pela vontade divina...

Não penso que um pai ou uma mãe possam ficar insensíveis à confiança absoluta que lhes testemunham os filhinhos...

Donde vem a êles a fé tranquila que tem em nós? Quem somos nós para inspirar uma confiança infinita?

Somos um dos élos da cadeia que vai de Deus até esses caros recém-vindos. Sua calma indica que a cadeia é forte e que a amarra é sólida.

Porque, pois, tu que inspiras confiança, não tens confiança?...

Tomaste algumas vistas fragmentárias que tua mente reuniu a respeito do mundo e fabricaste um universo vacilante que ameaça ruir sôbre tua cabeça. Enquanto teu filho dorme sôbre teus joelhos—sereno como os astros que percorrem a trajetória, tu, o seu abrigo, tu te sentes carcomido.

De vós dois é êle que tem razão, embôra não raciocine ainda. Imita seu exemplo, tens direito de fazê-lo. O que tu és para êle, um outro o é para ti. Pois que êle te chama «Pai», aprende a sua linguagem, olha mais alto e envolvendo-lhe da confiança que tu inspiras, sobe para a fonte de onde ela emana e não temas, apesar da trêva, em dizer mais uma vez: «Meu Pai!»...



Exposição de Flôres da Escola Profissional Feminina de Florianópolis

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## Programa de religião

## OBJETIVOS GERAIS :

O ensino da religião na escola primária tem como objetivos:

a) Dotar a criança de sólidos *conhecimentos* básicos da verdade católica;

b) desenvolver nela *hábitos* de um verdadeiro cristão;

c) inicia-la na vida litúrgica da Igreja e na Ação Católica.

Nota:—A professora aproveitará as oportunidades da vida escolar para a formação cristã da criança.

## ESCOLA INFANTIL

## 1º. Período

Conhecimentos: Mostrar as imagens de Jesus, Maria, José, A Cruz, A Casa de Deus (Igreja), O Sacrário, O Anjo da Guarda.

Hábitos: 1º) Através da história do menino Jesus, e aproveitando as oportunidades da vida doméstica e escolar inculcar hábitos de sinceridade, bondade e obediência.

2º) O sinal da Cruz. Pequena oração da manhã e da noite. Ex.: Papai do Céu abençoe Papai, Mamãe, meus irmãos-zinhos e a mim também. Pequenas visitas a Jesus Sacramentado.

## 2º. Período

Conhecimentos: 1) Algumas passagens da vida de Jesus.

a) Nascimento;

b) infância;

c) Jesus e as crianças;

d) Jesus cura os doentes;

e) dá pão ao povo faminto;

f) ensina a rezar;

g) conta histórias ensinando a ser bom;

h) Jesus morre na Cruz;

i) Sobee ao Céu.

(Emprego de gravuras adequadas).

Hábitos: Como no 1º período—bondade: dar de comer, de beber aos pobres, visitar os doentes, rezar pelos irmãos e companheiros.

O sinal da Cruz, Ave-Maria, Cânticos.

## 3º. Período

Conhecimentos: 1) Revisão das passagens já conhecidas da vida de Nosso Senhor.

- II) O dia de Natal.
- III) O Domingo de Ramos.
- IV) A Sexta-Feira da Paixão.
- V) O Domingo de Pascoa.
- VI) Nossa Senhora.
- VII) O dia de ir à Igreja.
  - b) O que se faz na Igreja. (Assistir a Missa. Rezar. Confessar-se. Receber N. Senhor).

Hábitos: Como no periodo anterior.—Generosidade—Pequenos sacrificios.

Idem. Ave-Maria. Padre Nosso. Assistencia à Missa.

### PRIMEIRO ANO

- I) Conhecimentos da existencia de Deus.
  - a) conversa sobre a bondade, justiça e sabedoria de Deus.
- II) O pecado original.—Promessa de um Salvador.
- III) Nascimento de N. Senhor.
  - a) Adoração dos Anjos, pastores, dos Reis Magos.
  - b) Matança dos inocentes e fuga da S. Família para o Egito.
- IV) Vida oculta:
  - a) A Sagrada Família em Nazareth.
  - b) Jesus entre os doutores (no templo de Jerusalem).
- V) Narrativa sumária da vida pública:
  - a) Seu amor às creanças \*deixai que venham a mim as creancinhas\* (Luc. XVIII—15).
  - b) Bondade de Jesus para com os pecadores: Maria Madalêna (Math. XXVI—6.13).
  - c) Bondade de Jesus para com doentes: cura de 10 leprosos (Luc. XVII—11.19). Cura do cego de Jericó (Luc. XVIII—35).
  - d) Bondade de Jesus para com os que sofrem: ressurreição do filho da viuva de Nain (Luc VI—11) e da filha de Jairo (Luc. VIII—49).
- VI) Narrativa sumária e viva da Paixão e Morte de Jesus.
- VII) O batismo. Necessidade e consequências.
- VIII) Confissão:
  - a) Necessidade;
  - b) disposição para bem receber este Sacramento.

- IX) Eucaristia—Sacramento do Amôr.  
 a) Presença real de Jesus no Santissimo Sacramento;  
 b) disposição para receber bem este Sacramento;  
 c) devoção a Pio X—o papa da Eucaristia.

X) Inférno. Purgatório e Céu.

Hábitos: 1º) Amôr a Jesus—ao próximo. Obediência.

Amôr ao trabalho. Veracidade.

2º) Oração da manhã e da noite. Sinal da Cruz, Ave-Maria, Padre Nosso.

Assistencia à Missa.

Visitas a Jesus Sacramentado.

Mínimo: Conhecimento firme:

- 1) Da existencia de Deus.
- 2) Da Divindade de Jesus.
- 3) Dos Sacramentos mencionados.
- 4) Da existencia do inferno, purgatório e Céu.

NOTA:—Para as creanças que não tenham feito a Primeira Comunhão e se esta fôr feita no fim do 1º semestre, adotar o Catecismo abreviado, Catecismo das criancinhas (para a 1a. Classe) parte do aluno. Imprensa Diocesana de Belo Horizonte.

## SEGUNDO ANO

- I) Creação dos Anjos. Sua quêda. Conseqüências.
- II) Creação do mundo e do homem.
- III) O paraizo e o pecado original. Promessa do Salvador.
- IV) Vida oculta de Jesus.
  - a) Avivar e firmar os conhecimentos referentes à infancia ministrados no ano anterior.
  - b) Salientar, como na vida em Nazareth Jesus dá exemplo de humildade, obediencia, amôr ao trabalho.
- V) Vida pública.
  - a) São João Batista. O batismo de Jesus. Manifestações da S. S. Trindade.
  - b) Jesus pratica e ensina a caridade. Parábola do bom Samaritano (Luc. X—23.37).
  - c) Jesus ensina e pratica a justiça. Pagamento do imposto; dai a Cesar o que é de Cesar (Math. XXII—15.22).
  - d) Jesus prova que é Deus. Faz reiteradas afirmativas de sua divindade; discussão com os Fariseus e realiza milagres; Bôdas de Caná (João, II—13.12); atitudo de N. Senhora. Multiplicação dos pães (Marc. VI—30.44). Pesca maravilhosa (Luc. V—1.11). Ressurreição de Lázaro (João XI e seguintes).

- e) Jesus pratica e ensina a mortificação: Jejum no deserto; sua pobreza.
  - f) A última ceia, instituição da Eucaristia.
  - g) Traição de Judas. Condenação; flagelação; corôa de espinhos; crucifixo; conversão do bom ladrão. Morte na cruz.
- VI) Ressurreição.
- a) Aparição a Maria Madalêna e aos discípulos de Emaus.
- VII) Ascensão e Pentecostes.
- a) O retiro de N. Senhora e dos Apóstolos do Cenáculo à espera do Espírito Santo.
- VIII) Recordar e firmar os conhecimentos ministrados a respeito do Sacramento. Batismo. Penitência. Eucaristia.
- b) Conhecimento sumário dos demais sacramentos.
- IX) Missa.
- a) Conhecimento das partes principais da missa: (oferatório, consagração e comunhão).
  - b) obrigação de ouvir missa nos domingos e dias santos.
- X) Conhecimento dos mandamentos que se referem aos deveres para com Deus. (Os tres primeiros).
- Hábitos: 1º) Firmar os hábitos indicados no 1º ano e inculir em especial a humildade e o amor ao sacrificio.
- 2º) Oração da manhã e da noite (Sinal da Cruz. Ave-Maria. Padre Nosso. Credo). Assistencia mais consciente à Missa. Frequência à Confissão e Comunhão. Devoção a N. Senhora e Anjo da Guarda.
- Mínimo: A criação do mundo por Deus.  
Divindade de Jesus—provas.  
Noção segura do Batismo. Penitência e Eucaristia.  
Noção sumária dos demais sacramentos.  
Noção sumária da Missa.  
Assistencia à Missa.

### TERCEIRO ANO

- I) Recordar a narrativa biblica da criação do mundo.
  - a) A prova a que foram submetidos os nossos Primeiros Pais para merecerem o céu. A tentação do demonio. A queda e a consequencia do primeiro pecado.
- II) Promessa do Salvador.
  - a) O Anjo anuncia à Maria Santissima que será mãe de Jesus (Luc. I—26.38).

- b) A visita de Santa Izabel. A Ave-Maria (Luc. I—39.56).
- III) Recordar os tópicos ministrados no anno anterior localizando no mapa a Palestina (com suas divisões: Judéa, Samaria, Galiléa) e as cidades de Belém, Nazaréth e Jerusalem.
- b) Ilustrar com maior número de milagres e parábolas os tópicos mencionados no 2º anno (parábola do filho pródigo (Luc. XV—11.32) a tempestade acalmada (Marc. IV—35), o bom Pastor (Luc. XV—1.7).
- c) Jesus ensina em parábolas o que é o reino de Deus (O Semeador (Luc. VIII—4). O tesouro escondido. A pérola de grande valor, etc., etc. (Math. XIII—44.)52.
- IV) A última ceia.
- a) Jesus faz aos apóstolos suas últimas recomendações. (João XIII—13).
- b) Institue a Eucaristia.
- c) A agonia no Horto das Oliveiras. Exemplo de conformidade com a vontade de Deus. Faça-se a tua vontade (Luc. XXII—1).
- V) Recordar a narrativa da Paixão.
- a) Salientar a atitude impia de Sanhedrim de Herodes e a de Pilatos).
- b) Morte e sepultura de Jesus. Piedade de Nicodemus e José de Arimatéa.
- c) A alma de Jesus vai ao limbo.
- VI) Recordar e fixar o conhecimento da Ressurreição, Ascensão e Pentecostes.
- a) Efeito do Espírito Santo nos Apóstolos.
- b) Deveres para com o Espírito Santo.
- c) Hino ao Espírito Santo. «Vide Espírito Santo».
- VII) A Igreja Católica.
- a) Sua fundação por Jesus. «Pedro, apascenta meus cordeiros», etc. (João XXI—16.17).
- b) Seus caractéres.
- c) Sua organização (O Papa, os bispos, os sacerdotes, os fieis).
- d) Fóra da verdadeira Igreja ninguem se póde salvar.
- e) A Igreja guiada pelo Espírito Santo.
- f) Infalibilidade do Papa:
- VIII) Meios de salvação.
- a) A verdadeira fé. Quadro sinótico do Crêdo, salientando como nele estão contidas todas as verdades a respeito de Deus, Jesus, Espírito Santo e a Igreja.

- b) A graça pelo Sacramento. Recordar os Sacramentos.
- c) O perdão dos pecados.
- d) A comunhão dos Santos.

IX) Os mandamentos da Lei de Deus.

- a) Recordar os tres primeiros que se referem a Deus, aprendidos no ano anterior.
- b) Conhecimento sumário dos 7 restantes que se referem ao próximo.

X) O pecado.

- a) Distinção entre pecado original e atual.
- b) Distinção entre pecado venial e mortal.

XI) As virtudes teologais.

- a) Fé.
- b) Esperança.
- c) Caridade.

Exemplos de mártires, de santos que praticaram heroicamente tais virtudes.

Memorização do Ato de fé, esperança e caridade.

XII) Missa.

- a) Recordar os conhecimentos ministrados no 2º ano.
- b) Objéto necessários para celebrar missa (cálice, patena e paramentos, etc., etc.)
- c) Como se deve participar do Santo Sacrifício.

XIII) Conhecimento sumário do Ano Litúrgico.

- a) Ciclo de Natal (Mistério da Encarnação).
- b) Ciclo de Páscoa (Mistério da Redenção).

Hábitos: 1º) Consolidar os hábitos adquiridos no ano anterior e inculir especialmente os de Justiça e Honestidade.

2º) Consolidar os hábitos de piedade indicados nos anos precedentes. (Oração da manhã e da noite, assistência à Missa, freqüência aos Sacramentos, etc.)

3º) Incentivar a participação nas principais festas do ano litúrgico: Natal, Epifania, Semana Santa, Pentecostes.

- Mínimo:
- a) Deus existe. E' Perfeito. A S. S. Trindade.
  - b) Saber narrar pelo menos um milagre, uma parábola de Jesus.
  - c) A Eucaristia é a maior prova de amôr e misericórdia de Jesus.
  - d) A Igreja Católica é guiada pelo Espírito Santo.
  - e) O Papa é infalível.
  - f) O que é graça.
  - g) Conhecimento *firme* dos Sacramentos e da Missa.

## QUARTO ANO

- I) Que é ser cristão.
  - a) Crer (significação da palavra)
  - b) Professar a doutrina de Cristo.
  - c) Como professá-la (exemplo dos mártires, dos missionários e dos santos).
  - d) A Cruz é o sinal do Cristão.
- II) O Crêdo.
  - a) Conhecimento firme dos dogmas contidos em seus doze artigos.
  - b) Provas da existência de Deus.
  - c) Reiterada promessa do Salvador aos patriarcas do antigo testamento.—Abrahão—Gen. XXII—18. Isaac XXVI—4—Jacob XXVIII—Judá—Gen. XLIX—10.
  - d) As profecias referentes ao Salvador (Isaias, Jeremias, Ezequiel, Daniel).
  - e) As provas da divindade de Jesus.
  - f) A igreja católica é a única verdadeira.
  - g) A infalibilidade do Papa.
- III) A lei.
  - a) Conhecimento firme do que manda e do que proíbe cada um dos 10 mandamentos.
  - b) Conhecimento dos mandamentos da Igreja.
- IV) A Graça.
  - a) Seus efeitos.
  - b) Como adquiri-la; oração e sacramentos.
- V) A Oração.
  - a) Jesus ensina a orar. Padre Nosso (os 7 pedidos).
  - b) Necessidade de orar.
- VI) Revisão geral dos Sacramentos.
  - a) Insistir sobre a disposição para receber com frutos a Comunhão. Deveres para com a Eucaristia.
  - b) Necessidade da comunhão frequente.
  - c) O Sacramento da Confirmação.
  - d) O Sacramento do Matrimônio.
- VII) A Missa.
  - a) O sacrifício nos tempos primitivos (Caim e Abel. Abrahão Melchisedech).
  - b) O sacrificio do Calvário.
  - c) Fins do sacrificio (Adorar, agradecer, Impetrar, Expiar).
- VIII) Liturgia atual da Missa.
  - a) Como se deve ouvir Missa.
  - b) Obrigação de ouvi-la inteira nos domingos e festas de guarda.

- X) O ano litúrgico.
- a) Os tempos do Ciclo de Natal (Advento, Natal e Epifania).
  - b) Os tempos do Ciclo de Pascoa (Setuagésima, Quaresma, Paixão, Pascoa, Tempo depois da Pentecostes).
- IX) As virtudes Teológicas.
- a) Necessidade de praticá-las para ser bom cristão.
  - b) Os dons do Espírito Santo e seus efeitos nas almas. A Santificação (Sêde perfeitos).
- Hábitos:
- 1º) Consolidar os hábitos cristãos adquiridos. Estimular a prática das virtudes cristãs no convívio doméstico e familiar. Deveres de estado. Zêlo pela salvação do próximo.
  - 2º) Vida Eucarística. Assistência consciente à Missa. Inculcar o desejo de perfeição cristã.
- Mínimo:
- a) Provas da existencia de Deus, da divindade de Jesus.
  - b) Saber que a Santa Igreja Católica é a única verdadeira.
  - c) O Papa é infalível.
  - d) Conhecimento seguro das disposições para receber bem a Eucaristia.
  - e) Dever pascal.
  - f) Assistência consciente à Missa.

NOTA: — (Programa aprovado pela autoridade eclesiastica).

MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA

## Tabelinha de bolso

Para um individuo com o peso médio de 65 quilos, bastam cerca de 40 gramas de proteínas por dia: é o que nos fornecem 290 grs. de carne, ou 7 ovos, ou um litro de leite, ou 150 grs. de queijo, ou 150 grs. de feijão.

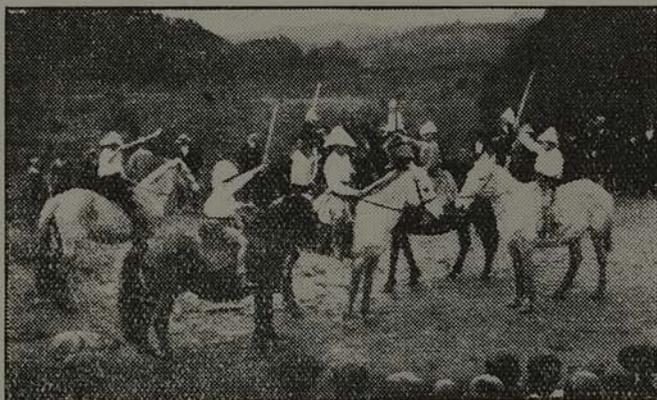
## A virtude da simplicidade

A alimentação simples é a melhor para as crianças, abolidos os alimentos de conserva e os muito temperados. Todos os chamados «estimulantes do apetite» lhes são desnecessários, e até perigosos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# Atividades escolares

Escola isolada de Alto Rio Krauel



Dramatização do grito do Ipiranga



Uma aula no Grupo Escolar "Paulo Zimmermann" — Rio do Sul

# Atividades escolares

Atividade de leitura em sala de aula



Atividade de leitura em sala de aula



## SEMANA RURALISTA DE SANTA CATARINA

Instalou-se, na cidade de Tubarão, em 24 de maio, a Semana Ruralista de Santa Catarina, organizada pela Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres», sob o patrocínio do Ministério da Agricultura, do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal, sendo encerrada a 31 de maio na cidade de Blumenau.

O ato revestiu-se de grande solenidade, estando presentes, além de grande parte da população, todas as autoridades federais, estaduais e municipais de Tubarão, e bem assim representantes de organizações particulares.

A caravana torreana, que partiu de Florianópolis, estava assim composta:

Dr. Raul de Paula, Secretário Geral da Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres», do Rio de Janeiro;

professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade, diretor do Departamento de Educação;

professor João dos Santos Areão, Inspetor Federal da Nacionalização do Ensino;

Dr. Afonso Veiga, Chefe da Sub-Inspetoria Agrícola Federal; professor Francisco Barreiros Filho, lente do Instituto de Educação de Florianópolis;

Dr. João Alves Junior, Chefe do Serviço de Defesa Sanitária Vegetal;

Dr. Porthos Moraes de Castro Velozo, Ajudante do Inspetor Agrícola;

professor Elpídio Barbosa, Sub-diretor técnico do Departamento de Educação;

professor José Boabaid, diretor do Clube Agrícola Escolar da Palhoça;

professor João Rodrigues de Araújo, diretor do Clube Agrícola de João Pessôa;

professor Téo Boeing, diretor do Clube Agrícola Escolar de São José.

### O PROGRAMA REALIZADO PELA SEMANA RURALISTA DE SANTA CATARINA

No 1º dia

PRIMEIRA PARTE

- a) Dr. Afonso Veiga—Os problemas agrícolas do Estado.
- b) Dr. Raul de Paula—Alberto Torres e sua obra.

## SEGUNDA PARTE

- a) professor João dos Santos Areão — O trabalho que os Clubes Agrícolas Escolares estão realizando em Santa Catarina.
- b) Dr. João Alves Júnior—Pragas da lavoura, O que elas atacam e os meios de combate.
- c) dr. Raul de Paula—Alberto Torres e os problemas brasileiros.

## No 2º dia

## PRIMEIRA PARTE

## NA FAZENDA MODÉLO

*Cursos para lavradores e fazendeiros*

- a) Dr. Afonso Veiga—Sólo, composição, adaptação do sólo às culturas.
- b) Dr. Porthos Moraes de Castro Velozo—Aração, gradeamento, adubação, sementeira, tratos culturais.
- c) Dr. João Alves Junior—Aplicação de inseticidas.
- d) Dr. Lourival de Bastos Menezes — Colheitas, meios e transporte.

## NO GRUPO ESCOLAR

*Para professores*

- a) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade — O ensino pelo sistema de aulas globais.
- b) Professor Francisco Barreiros Filho — O ensino da linguagens zonas coloniais.
- c) Professor João dos Santos Areão—Como se deve organizar o Clube Agrícola Escolar em Santa Catarina.

## SEGUNDA PARTE

## NO GRUPO ESCOLAR

*Para professores*

- a) Dr. Afonso Veiga—A agricultura no Clube Agrícola. O sólo. Composição. Adaptação do sólo às culturas.
- b) Dr. Porthos Moraes de Castro Velozo — A semente, seleção, germinação, cuidados com a semente, semeadura, tratos culturais.

*Para alunos*

Dr. Raul de Paula—Aula para os sócios do Clube Agrícola Escolar.

Foi determinado aos professores a apresentação de um relatório sôbre a fundação de um Clube Agrícola Escolar.

## TÓPICOS DE UM RELATÓRIO

1) Motivação—causas da fundação de um Clube Agrícola Escolar.

2) Organização:—sócios selecionados, entusiastas, trabalhadores e com a permissão dos pais. Despertar o interêsse dos sócios. Alunos de classe mais adiantadas, ainda que mais tarde possa se aproveitar alunos de classes inferiores.

3) Após a fundação:—levar ao conhecimento do Delegado dos Clubes Agrícolas Escolares do Estado.

4) Livros necessários: livro de atas, caderno para registro de árvores plantadas pelos sócios, livro de registro das atividades dos sócios.

5) Diretoria:—Os membros.

6) Problemas do Clube:

a) levantamento da planta do terreno;

b) determinar o local da horta (região aquosa, húmida);

c) circundar o terreno com amoreiras (bicho da sêda);

d) centro de interêsse: aulas a serem ministradas;

e) plantio no centro do terreno de um Pau Brasil e, em tórno, doze ipês.

f) localização dos canteiros e das várias culturas.

Inauguração da exposição dos produtos agrícolas da região.

## TERCEIRA PARTE

## NO EDIFÍCIO DOM JOAQUIM

a) Dr. Lourival de Bastos Menezes—Tubarão e seus problemas agrícolas.

b) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade e dr. Afonso Veiga—Resumos da parte pedagógica e agrícola, respectivamente.

c) Dr. Vitor Kander—Plantio do algodão no sul do Estado. Concitou os caboclos tubaronenses ao plantio do algodão, prometendo-lhes assistência financeira e sugerindo-lhes se associarem em um consórcio de plantadores, afirmando-lhes, como representante idôneo de firmas de Blumenau, que toda a safra será adquirida por

aquelas pelo mesmo preço pago aos plantadores do Norte do Estado. No decorrer da sua oração, francamente torreana, exaltou rude trabalho histórico caboclo que abriu caminho ao imigrante europeu no sertão primitivo do Brasil, ensinando-lhe a defender-se contra as asperezas naturais do ambiente bravio de então. Seu discurso pôde sintetizar-se como um hino e uma glorificação ao trabalho básico de colonização brasileira levada a efeito pelo nosso rude trabalhador rural, a que chamou inconsciente do seu heroísmo. Historiou a meninice de Alberto Torres, passada em Itajaí, neste Estado, onde o pai do grande brasileiro exerceu a função de Juiz de Direito, assinalando ter sido no desprezo e no abandono do caboclo daquelas terras que Alberto Torres teve a sua primeira inspiração nacionalista. Apelou para a Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres» no sentido o ajudassem à propaganda do plantio do algodão.

d) Dr. Raul de Paula—Prometeu, em arrebatada resposta, levar avante o projeto do dr. Vitor Konder, assegurando mandaria tecnicamente estudar a possibilidade da produção algodoeira no sul do Estado e felicitou a numerosíssima assistência pelos auspícios dessa tão promissora iniciativa.

### 3º dia

#### NA FAZENDA MODÉLO

##### *Para lavradores e fazendeiros*

a) Demonstrações práticas, com explicação sobre o manejo de máquinas agrícolas—pelos drs. Afonso Veiga, Porthos Moraes de Castro Velozo e Lourival Bastos de Menezes.

b) Demonstrações com explicação sobre aparelhos de combate às pragas e moléstias das plantas—pelo dr. João Alves Junior.

##### *Para professores*

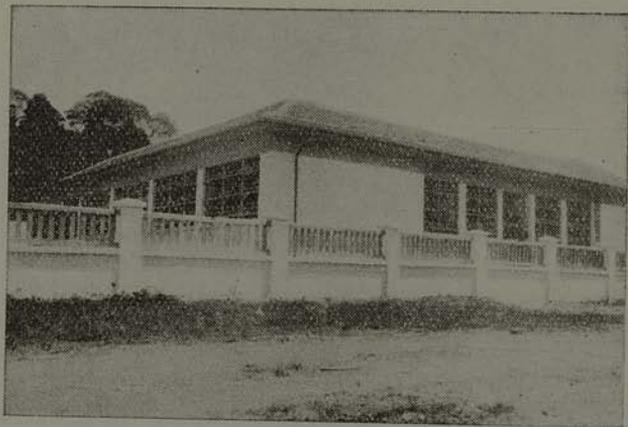
a) Dr. Raul de Paula—O ensino rural na fazenda, na vila e no município.

b) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Aula modelo.

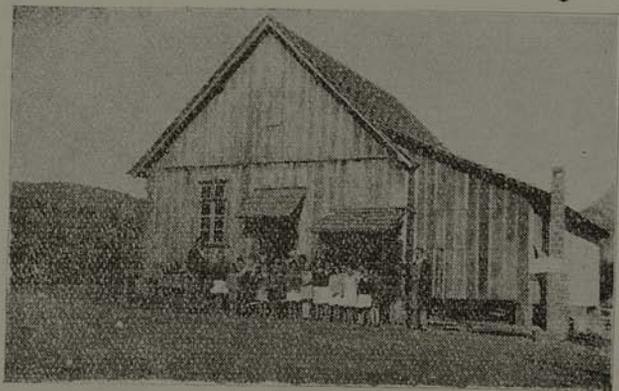
c) Professor Francisco Barreiros Filho—O ensino da lingua nas escolas rurais—zonas coloniais.

d) Inauguração da exposição escolar do Grupo «Hercilio Luz»—Homenagem ao professor Francisco Barreiros Filho.

# Atividades escolares



**Grupo Escolar "Prof. Honorio Miranda", em Gaspar**



**Escola isolada de Alto Rio Krauel**

*Atividade educativa*



*Desenho de uma casa com telhado de águas vivas.*



*Desenho de uma casa com telhado de águas vivas.*

## SEGUNDA PARTE

## NO GRUPO ESCOLAR «HERCÍLIO LUZ»

*Para professores*

a) Dr. Raul de Paula—Organização e finalidade dos Clubes Agrícolas.

b) Dr. Lourival Bastos de Menezes — Colheita, processos e transporte.

c) Professor Francisco Barreiros Filho—Aula especial, Problemas de linguagem, Questões suscitadas pelos professores normalistas.

d) Centro de Interêsse—aulas globais—sendo tomado assunto de outra zona do Brasil, pelo dr. Raul de Paula e o professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade o transportou para o ambiente sul catarinense.

Realizou-se, no pátio do Grupo Escolar «Hercilio Luz» uma sessão extraordinária dos sócios do Clube Agrícola Escolar, tendo diversos sócios apresentado pequenos trabalhos por êles organizado sôbre seu Clube Agrícola.

## TERCEIRA PARTE

## NO EDIFÍCIO DOM JOAQUIM

a) O professor Francisco Barreiros Filho justificou telegrama que torreanos passaram ao Exmo. Sr. Presidente da República pelas medidas sugeridas à questão imigratória no Brasil. O telegrama teve a seguinte redação:—Núcleo torreano Estado Santa Catarina, no decorrer desta Semana Ruralista, apresenta Vossência a expressão mais ardente de seu entusiasmo profundamente nacionalista, pelas sugestões por Vossência propostas Congresso Nacional, no tocante imigração território brasileiro, cuja regularização se impõe resguardo da homogeneidade racial da Pátria.

b) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade e dr. Afonso Veiga—Resumo dos trabalhos realizados durante o dia, nas partes pedagógica e agrícola, respectivamente.

c) Dr. Raul de Paula—Aspéctos da imigração japonesa.

## 4º dia

## PRIMEIRA PARTE

*Para lavradores e fazendeiros*

## NA FAZENDA DO SR. PEDRO ZAPPELLINI

a) Dr. João Alves Junior, com assistência dos drs. Afonso Veiga e Porthos Morais de Castro Velozo — Preparação das solu-

ções para pulverizar as árvores com demonstrações sôbre a aplicação dos preparados por meio de aparelhos.

Meios e modos de combate às formigas.

Explicação sôbre as diversas pragas e moléstias comuns a Tubarão.

*Para professores*

#### NO GRUPO ESCOLAR «HERCÍLIO LUZ»

a) professores Luiz Sanches Bezerra da Trindade e Elpídio Barbosa—Legislação escolar.

b) professor Humberto Hermes Hoffmann—Metodologia da aritmética.

#### SEGUNDA PARTE

#### NO GRUPO ESCOLAR «HERCÍLIO LUZ»

a) Demonstrações de aração. Horta — Dr. Lourival Bastos Menezes.

b) Professor João dos Santos Areão — Clubes Agrícolas Escolares.

#### TERCEIRA PARTE

#### NO EDIFÍCIO DOM JOAQUIM

a) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade e dr. João Alves Junior — Resumo dos trabalhos realizados durante o dia— parte pedagógica e agrícola.

b) Dr. Julio Albuquerque—A raiva nas zonas rurais.

c) Professor Francisco Barreiros Filho — Nacionalismo nas zonas coloniais.

d) Dr. Raul de Paula—Terceira Exposição da Imprensa Escolar e a situação dos judeus em relação ao Brasil.

#### 5º dia

#### PRIMEIRA PARTE

#### NA FAZENDA MODÉLO

*Para lavradores e fazendeiros*

Dr. João Alves Junior—Combate às pragas da lavoura.

( Continúa no próximo número )

# Atividades escolares



**Escola isolada de Roçado, município de S. José**



**Grupo Escolar "Polidoro Santiago" em Timbó**



# METODOLOGIA DA LEITURA E DA ESCRITA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Em seguida passa a segunda letra e assim por diante até concluir.

Uma vez aprendido de memoria os dois alfabetos—o maiúsculo e o minúsculo—procedes-se á formação das silabas, mediante a soletração ou deletreamento; as primeiras silabas consistem na reunião da consoante *b* com uma de cada vogal; por exemplo: *ba, be, bi, bo, bu; ab, eb, ib, ob, ub*.

Depois se formam silabas com a consoante *c*, seguida de cada uma das vogais e depois precedida de cada uma delas.

Em seguida faz-se o mesmo com a letra *d*; e assim sucessivamente.

Eis aqui o processo: o aprendiz assinala as letras, uma por uma, pronunciando-lhes os nomes.

O mestre reúne-as mentalmente, pronuncia-as com uma só emissão de voz (silaba), e em seguida as repete juntamente com o aluno, e depois faz o aluno repeti-las sózinho.

Exemplo:

Mestre: a—b;

Aluno: a—b;

Mestre: ab;

Aluno: ab.

E assim por diante. Esse método depois de bem compreendido pelo aluno se estende a leitura preliminar e corrente.

Depois que o aluno bem souber soletrar, o mestre deixa de pronunciar as silabas, exigindo que o aluno o faça sózinho.

Então o aluno por si mesmo vai dizendo:

a—b=ab;

b—a=ba: assim com todas as letras.

Depois da soletração segue o deletreamento das palavras; em primeiro lugar o mestre escolhe palavras monossilábicas. Por exemplo:

Mestre: m—o=mó;

Aluno: m—o=mó;

Mestre: p—e=pé;

Aluno: p—e=pé.

Depois, passa-se a soletrar palavras dissilabas, em seguida vocabulos trissilabos, e finalmente palavras polissilabas.

Por exemplo: Mestre: t—e (=te); l—a (=la); g—a—r (=gar); ç—a (=ça);

Aluno: t—e (=te); l—a (=la); g—a—r (=gar); ç—a (=ça).

Da leitura de palavras se passam a leitura de frases e depois a leitura de períodos inteiros até chegar a leitura corrente.

O alfabeto neste metodo é lido do seguinte modo: a, b, c, d, e (é), f (fê), g (guê), h, i, j (ji), l (lê), m (mê), o, p, q, r (rê), s (si), t, u, v, x (xis), z.

Vejam os inconvenientes dêste metodo. Muitos e graves são êles para o ensino da leitura inicial: 1º, porque viola o 9º principio didático, que é o seguinte: «1º a síntese, depois a análise», bem como transgride a 3ª máxima do 8º principio didático que é o seguinte: «passar do concreto para o abstrato». «O metodo alfabetico vai das partes ao todo; vai dos elementos abstratos como são as letras á síntese, que é a palavra. 2º, porque requer muito tempo. Os alunos têm de aprender de memoria a forma das letras maiúsculas e minúsculas e o som de todas as letras e silabas, para poder soletrá-las em qualquer palavra onde as encontre. 3º, porque é abstrato.

Os nomes das letras não correspondem a nenhuma coisa real, pois não existe em natureza coisa alguma que se chame: (ré) ou erre, (nê) ou ene, (si) ou esse, etc. 4º porque os nomes das letras não sugerem os sons que as mesmas representam; uma só letra adquire, em combinação com outras, sons mui distintos do que tem quando só. Exemplo: c tem um som na palavra *cabo* e tem outro som na palavra *céo* e na cidade: x tem um som na palavra *máxima*, e tem outro som na palavra *sexo*, etc. 5º, porque um mesmo simbolo ou letra representa varios sons; por exemplo: g, tem um som na palavra *general*, *ginásio* e tem outro som na palavra *gato*, *guerra* e um mesmo som é representado por vários sinais ou letras: Não é facil fazer compreender ao aluno, o motivo pelo qual a letra g, tem um som na palavra *gato* e tem outro som na palavra *general*.

Assim, tambem não é facil explicar ao aprendiz que a letra y é igual a i, que o grupo *ch*, ora sôa como x, ora sôa como k; que o grupo *ph* tem o som de f; que a letra w ou (éu) ora tem o som de v.

Tambem não se compreende a razão pela qual alguns sons só se representam por uma letra só. Exemplo: o—r—or, f—ã—o—fao—orfão. Nesta palavra vemos que a letra o tem dois valores: aberto no começo e fechado no fim.

Essas anomalias produzem confusão no espirito da criança, e tornam difficil o ensino.

Pelas razões apontadas e por muitas outras que poderiam ser apontadas, o metodo alfabetico tem sofrido muitas e bem fundadas criticas. Verificou-se que o melhor metodo de ensino é o metodo fonetico, porque cada som tem a sua letra e cada letra tem um único som todas as vezes que isso fôr possível.

A ortografia official portuguesa veiu obviar a um dos maiores males no ensino primário; o de se dar a um som mais de uma letra ou simbolo sempre que isso fôr possível.

E' de grande alcance pedagogico o metodo fonetico adotado em Portugal para escritura.

Segundo a ortografia cáotica do nosso tempo e segundo a grafia absurda de um século passado, não só o ensino primário, mas também o secundário, se tornam de uma dificuldade tão grande que não podem deixar de gerar no espírito dos alunos e dos professores a balbudia e a confusão. No princípio do século XIX ainda não existia a ciência etimológica que só começou a ser estudada como ciência depois do meado do século passado.

Antes disso, os gramáticos, os dicionaristas, os escritores, grafavam como lhes dava na cabeça, sem se preocuparem com a verdadeira forma da escrita.

Hoje, a ciência filológica é um fato, e ninguém escreve e nem pode mandar escrever como entende e como quer escrever.

A ortografia hoje é uma verdadeira ciência. Dos nossos dicionaristas o mais notável é Antonio de Moraes Silva, que escreveu o seu dicionário da língua portuguesa, no princípio do século XIX. Ele mesmo reconhece, no prólogo do seu dicionário, que a verdadeira ortografia é a fonética; mas, como o dicionarista tem obrigação de grafar as palavras como se usam no seu tempo, o seu dicionário registra uma só palavra com duas, três e mais ortografias diferentes.

( Continúa no próximo número )

## EDIÇÕES RIO BRANCO

— de —

**J. R. DE OLIVEIRA & CIA.**

RUA S. JOSÉ, 42 — RIO DE JANEIRO

Lançam :

### EDUCAÇÃO RURAL

da Professora Noemia Saraiva Matos Cruz

que mostra como fez **ESCOLA RURAL** sem abandonar o programa oficial.

### ESCOLA RURAL

**NOVOS RUMOS**

W. W. COELHO DE SOUSA

**PRINCIPAIS CAPÍTULOS:**—O ensino da agricultura na escola primária. Que deve o Professor Rural saber para se tornar um fator de racionalização da produção nacional. A professora pública primária dentro do quadro da vida real, no interior do Brasil. Tipos de organização escolar primária, profissional e normal para as zonas rurais. Programa para os diferentes tipos e graus de educação rural. Dos Clubes Agrícolas, etc.

SÃO LIVROS QUE DEVEM SER LIDOS POR TODO EDUCADOR E QUE ENSINAM COMO SE HA DE DAR AO POVO POR MEIO DO PROFESSOR PRIMÁRIO, A CONSCIÊNCIA AGRÍCOLA, QUE SERVIRÁ DE BASE À NOSSA PROSPERID. DE ECONOMICA.

**PREÇO: \$8000 cada exemplar**

ENCONTRAM-SE NAS BOAS LIVRARIAS DO ESTADO. OS P. DIDOS PODEM, TAMBEM, SER FEITOS DIRETAMENTE AOS EDITORES.

## CAIXA ESCOLAR

Uma das instituições escolares que bem merecem a melhor das atenções dos bem intencionados, é sem dúvida a Caixa Escolar.

De finalidades nobres e humanitárias, essa instituição vem se tornando digna do amparo geral da nossa população afeita ao auxílio das obras beneméritas.

Foi a Caixa Escolar creada no govêrno do saudoso catarinense dr. Felipe Schmidt, que muito honrou a ter.a barriga-verde com os seus dotes de intelligencia, de elevada cultura no campo da engenharia, como militar de brilhante fé de officio e sincêro político.

A larga visão daquele administrador observou a necessidade desta instituição que viria de fórma positiva auxiliar a instrução dos pequenos catarinenses desamparados da fortuna, porquanto auxiliando-os dirêtamente, a Caixa facilitaria o ingresso destes às escolas e consequentemente, o aproveitamento intelectual dos mesmos.

A Caixa amparará o aluno humilde, desprovido de meios. Dar-lhe-á o material didático que necessite para o estudo, Auxiliará na aquisição de uniforme escolar e, quando o permitir as suas posses, dará ao pequeno aluno pauperrimo o lunch necessário.

Dahi a nossa afirmação da benemerência dessa instituição cujos frutos veremos dentro em breve.

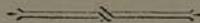
Urge, no entanto, que se manifeste a bôa vontade dos seus sócios ativos para facilitarem, expontaneamente, o desenvolvimento rápido da patrimônio da Caixa Escolar para eficiencia da sua finalidade.

Chegou-nos hoje a agradavel notícia de um valioso donativo áquela instituição.

Fê-lo o seu sócio benemérito sr. Consul Carlos Renaux, que afeito a proteção das instituições de relevantes finalidades, ofertou à Caixa o donativo de um conto de réis, anualmente, como contribuição expontânea.

Este nobre exemplo deverá servir de incentivo aos sócios da Caixa Escolar na difficil e nobilitaute tarefa de auxiliar os alunos pobres protegidos por aquela benemérita instituição.

D' «O Rebate» — Brusque.



### Ouro de gema

Os ovos, alimento de alto valor nutritivo, são de mais facil digestão e provocam menor acidez que a carne. Os ovos cozidos permanecem mais tempo no estomago que os quentes ou escalfados.